



# Ecoturismo & Conservação

Um periódico do Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação - PPGEC,  
da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

## Protagonismo comunitário no ecoturismo e conservação

Número especial  
Dossiê temático



Visitantes acompanhados por condutor indígena na área de dupla-proteção entre o Parque Nacional do Descobrimento e a TI Comexatibá  
Foto: Acervo Nívea Dias

v. 4, n. 1, 2023

ISSN 2675-8946

## EXPEDIENTE

### CORPO EDITORIAL

#### **Editor-chefe**

Dr. Rodrigo Machado Vilani (Univ. Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

#### **Editores e Editoras Adjunto(a)s**

Dr. André Scarambone Zaú (UNIRIO)

Dra. Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano (UNIRIO)

Dra. Maria Amália Silva Alves de Oliveira (UNIRIO)

#### **Editoras convidadas para o Dossiê**

Prof. Dra. Eloise Silveira Botelho (Univ. Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

Prof. Dra. Camila Gonçalves de Oliveira Rodrigues (Univ. Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ e Univ. Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

#### **Comitê Avaliador do Dossiê**

Profa. Dra. Camila Gonçalves de Oliveira Rodrigues - UFRRJ/UNIRIO

Prof. Dr. Dan Gabriel D'Onofre Andrade Silva Cordeiro - UFRRJ

Profa. Dra. Deusana Maria da Costa Machado - UNIRIO

Profa. Dra. Eloise Silveira Botelho - UNIRIO

Prof. Dr. Tiago Juliano - UNIRIO

### DIAGRAMAÇÃO E EDITORAÇÃO

Áthila Bertoncini Andrade

### CAPA

Áthila Bertoncini Andrade

### IMAGEM DA CAPA

Acervo Nívea Dias

### PERIODICIDADE

Anual

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO

ppgec@unirio.br

Endereço: Av. Pasteur, 458 / Prédio do IBio / sala 506-A

Fone: 2542-4278

### CONDIÇÕES PARA SUBMISSÃO

Como parte do processo de submissão, os autores devem verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

### DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

Ao enviar o artigo para submissão, o autor automaticamente cede os direitos de publicação à esta revista. O conteúdo dos artigos é de responsabilidade dos autores.

### POLÍTICA DE PRIVACIDADE

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

## Sumário

### Editorial

Rodrigo Machado Vilani

5

### Relato de Experiência

#### **Etnoturismo Pataxó em área de dupla proteção do Parque Nacional do Descobrimento e da Terra Indígena Comexatibá (Prado, Bahia)**

6

Lilian Brandt Calçavara

Juliana Cristina Fukuda

Flavia Lopes Bertier

#### **Ações Participativas entre Universidade e Comunidade na Região da Transamazônica e do Rio Xingu – Pará**

14

Rute Silva Cardoso

Valeria dos Santos Moraes-Ornellas

### Seção Artística

#### **Conectando Educação, Tecnologia e Natureza: Mapeamento das Trilhas, Unidades de Conservação e Escolas em Petrópolis – RJ**

23

Luana da Silva Pitzer

Fernando Amaro Pessoa

Bruno César dos Santos

#### **Olhares Geopoéticos: Ecoturismo e Conservação de Quem Toca (N)A Terra**

34

Lidiane Santos Barbosa

Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano

Luana da Silva Pitzer

Marcia Carvalho Perez de Carvalho (Mitcay)

Alexandre Valente Ferreira

Maycom Lopes Ribeiro

Leonardo Ramos Cruz

Jonathas Acácio Ramos Gonçalves



## EDITORIAL

# Protagonismo comunitário no ecoturismo e conservação

**Eloise Silveira Botelho**  
**Camila Gonçalves de Oliveira Rodrigues**

É com satisfação que publicamos o Dossiê “Protagonismo comunitário no ecoturismo e conservação” da Revista Ecoturismo & Conservação, que reúne relatos de experiências e produtos técnico e artístico, compartilhando resultados de estudos e ações de extensão, bem como práticas de gestão sobre o tema em questão.

Nesta edição, são lançados olhares sobre as diferentes formas de organização social e participação de moradores locais e comunidades tradicionais na construção de práticas que aliam ecoturismo e conservação.

No texto “Etnoturismo Pataxó em área de dupla proteção do Parque Nacional do Descobrimento e da Terra Indígena Comexatibá (Prado, Bahia)”, as autoras Lilian Brandt Calçavara, Juliana Cristina Fukuda e Flavia Lopes Bertier apresentam um relato de experiência sobre a construção de práticas de etnoturismo envolvendo indígenas do povo Pataxó, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) e outros parceiros, destacando a importância para a garantia de direitos e permanência no território nesse processo.

Desde uma perspectiva da contribuição da universidade para apoiar o protagonismo comunitário no ecoturismo e na conservação, as autoras Rute Silva Cardoso e Valeria dos Santos Moraes-Ornellas relatam a experiência que alia ensino, pesquisa e extensão no trabalho intitulado “Ações participativas entre universidade e comunidade na região da transamazônica e do rio Xingu - Pará”. Trata-se de um relato que envolve o processo formativo no âmbito do curso de Licenciatura em Etnodesenvolvimento, da Universidade Federal do Pará- campus de Altamira.

Os autores Luana da Silva Pitzer, Fernando Amaro Pessoa e Bruno César dos Santos apresentam o produto técnico “Mapa Trilhas, Unidades de Conservação e Escolas de Petrópolis”, apresentado no trabalho “Conectando educação, tecnologia e natureza: mapeamento de trilhas, unidades de conservação e escolas em Petrópolis – RJ”. Este trabalho é fruto de ações de extensão universitária que visam propor vivências de montanhismo para alunos moradores locais, a fim de despertar o senso de pertencimento com o lugar.

Para finalizar o dossiê, Lidiane Santos Barbosa, Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano, Luana Pitzer, Mitcay (Marcia Carvalho), Alexandre Valente, Maycom Lopes, Leonardo Ramos Cruz e Jonathas Gonçalves apresentam o produto artístico “Olhares geopoéticos: ecoturismo e conservação de quem toca (n)a terra”. A coletânea de poemas traduz artisticamente ações de pesquisa e extensão do grupo, que propõe a conexão entre sujeitos, ecoturismo e conservação neste encontro instigante com formas inovadoras de expressão da linguagem acadêmica sobre o tema.

Com os trabalhos deste Dossiê, a Revista Ecoturismo & Conservação apresenta uma contribuição sobre metodologias e práticas para promover o protagonismo comunitário no ecoturismo e na conservação, considerando contextos históricos e realidades específicas.

Esperamos que o Dossiê possa inspirar leitoras e leitores nos aprendizados nos campos científico, técnico e artístico de suas práticas em ecoturismo e conservação.

## Relato de Experiência

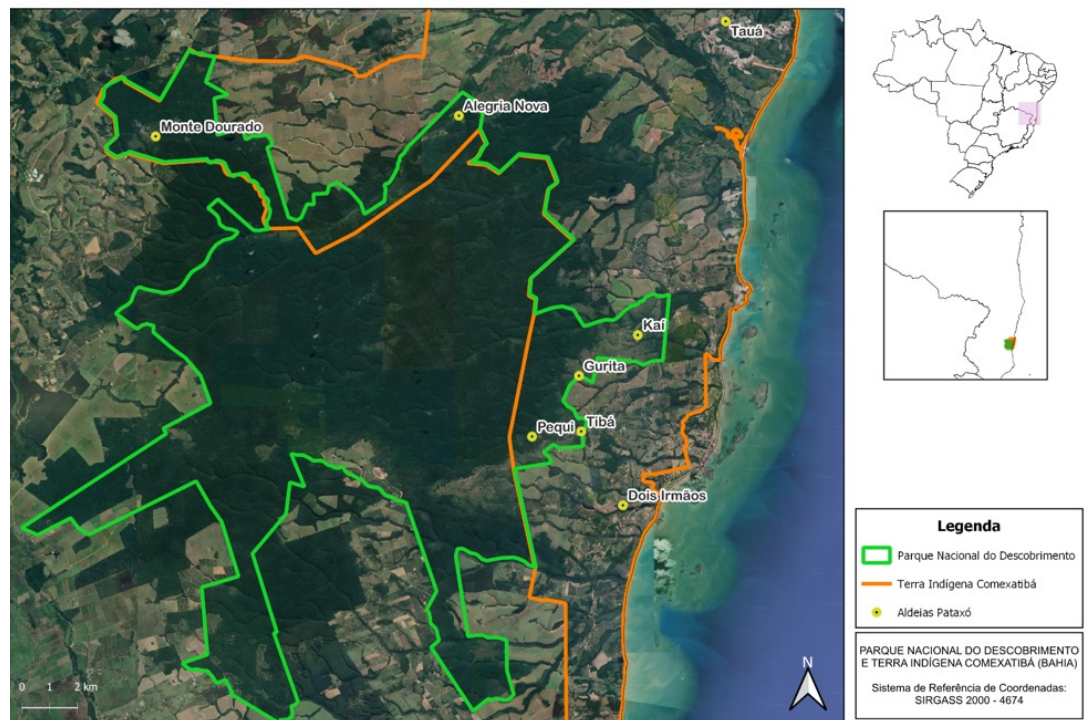
# Etnoturismo Pataxó em área de dupla proteção do Parque Nacional do Descobrimento e da Terra Indígena Comexatibá (Prado, Bahia)

Lilian Brandt Calçavara<sup>1</sup>  
 Juliana Cristina Fukuda<sup>2</sup>  
 Flavia Lopes Bertier<sup>3</sup>

**1** Mestre em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos e Territórios Tradicionais, Fundação Nacional dos Povos Indígenas, lilian.brandt@funai.gov.br; **2** Mestre em Sustentabilidade de Ecossistemas, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, juliana.fukuda@icmbio.gov.br; **3** Mestre em Educação, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, flavia.bertier@icmbio.gov.br

O turismo é uma das principais fontes de renda das comunidades indígenas Pataxó no Extremo Sul da Bahia, tendo diversas experiências que recebem um grande fluxo de turistas, como a Reserva Indígena da Jaqueira, em Porto Seguro, e o Monte Pascoal, localizado em área de dupla proteção do Parque Nacional do Monte Pascoal e da Terra Indígena (TI) Barra Velha do Monte Pascoal. Nos últimos anos vem se consolidando mais uma experiência de etnoturismo protagonizada pelos Pataxó na TI Comexatibá, município de Prado. A Terra Indígena Comexatibá tem cerca de 19% de sua área coincidente com o Parque Nacional do Descobrimento, onde se localizam seis das dez aldeias existentes na área (Figura 1).

Em 2015 a TI Comexatibá foi delimitada com uma área de 28.077 hectares, que se sobrepõe a 19,62% do Parque Nacional do Descobrimento - PND (equivalente a 4.454 ha). A delimitação



**Figura 1.** -Mapa destacando a área de dupla proteção: Parque Nacional do Descobrimento e Terra Indígena Comexatibá. **Fonte:** PND/ICMBio

**Citação:** Calçavara LB, Fukuda JC & FL Bertier (2023) Etnoturismo Pataxó em área de dupla proteção do Parque Nacional do Descobrimento e da Terra Indígena Comexatibá (Prado, Bahia). Ecoturismo & Conservação 3(2) p. 6-13.

**Copyright:** © 2023 Calçavara, Fukuda & Bertier

corresponde à segunda fase do procedimento demarcatório das terras tradicionalmente ocupadas, processo administrativo composto por cinco fases: em estudo, delimitadas, declaradas, homologadas e regularizadas. Assim como a TI Comexatibá tem aproximadamente 19% de seu território em sobreposição com a área do Parque Nacional do Descobrimento (PND), o Parque, por sua vez, também tem cerca de 20% de seu território sobreposto a essa terra indígena.

O PND foi criado em 1999 e ampliado em 2012, possuindo atualmente 22.607,74 hectares. Protege o maior remanescente de Mata Atlântica sobre tabuleiros costeiros do Nordeste do país, e está localizado em uma região de megabiodiversidade conhecida como Hileia Baiana - nome este devido à fitofisionomia similar à da Floresta Amazônica. Nesta área vivem espécies raras de fauna e flora, sendo refúgio para espécies de animais e de plantas ameaçadas de extinção.

Os Parques Nacionais são regidos pelo SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, Lei nº 9985, de 18 de julho de 2000) e tidos como áreas de proteção integral, ou seja, não é permitido em seu interior a exploração direta dos recursos naturais. Por não terem o direito territorial plenamente reconhecido pelo Estado, havia uma relação conflituosa entre os órgãos ambientais, inicialmente Ibama e depois ICMBio. As comunidades Pataxó, sobre cujas aldeias recaía decisão judicial desfavorável em ação movida pelo órgão ambiental, foram retiradas da área do parque para reintegração de posse em diversos momentos até 2017. Os indígenas encontravam impedimentos para implementação de suas roças e para a construção de suas moradias e demais estruturas comunitárias necessárias, como escolas e postos de saúde.

Em 2018, após uma década e meia de conflitos entre os órgãos ambientais e os Pataxó, foi celebrado o Termo de Compromisso nº 2/2018, que tem como partes as comunidades indígenas, o ICMBio e a Funai, visando compatibilizar a proteção do Parque Nacional do Descobrimento com os direitos, modos de vida, ocupação e uso dos recursos naturais pelas comunidades indígenas. As aldeias que assinam o termo são aquelas localizadas em área de dupla afetação com o Parque Nacional do Descobrimento: Tibá, Kai, Alegria Nova, Monte Dourado, Gurita e Pequi. Além destas seis aldeias, há dentro do território de Comexatibá mais quatro aldeias: Dois Irmãos, Mucujê, Tawá e Rio do Cahy.

O Termo de Compromisso firmado é referência nacional em processos participativos de gestão em situações de dupla afetação de territórios indígenas e Unidades de Conservação, significando uma mudança de paradigma na esfera ambiental, no sentido de compatibilizar direitos. Os indígenas concordaram em restringir a área destinada ao uso intensivo para 177 ha, incluindo neste total os espaços destinados à exploração direta, como moradias e roças. Isto corresponde a 4% da área sob dupla afetação (4.454 ha) e 0,8% da área total do PND. Por conta do termo de compromisso, a decisão reintegratória que determinava a retirada das aldeias indígenas Pataxó da área sob dupla afetação foi suspensa, e posteriormente extinta.

A cláusula Décima Terceira do Termo de Compromisso traz que o ICMBio e a Funai se comprometem a colaborar com a elaboração e implementação de projetos socioambientais que beneficiem as comunidades. O Parágrafo Primeiro desta cláusula diz que deve ser viabilizado o aproveitamento do potencial da área para o ecoturismo e o etnoturismo, compatível com a Instrução Normativa (IN) nº 3/2015 da Funai sobre visitação a terras indígenas para fins turísticos.

Assim, ao longo dos últimos anos, servidores da Funai e do ICMBio desenvolveram algumas ações buscando promover o etnoturismo junto às aldeias da região. Em 2022 foi realizado o II Curso de Condutores de Visitantes do PND, com a participação de 18 indígenas da TI Comexatibá. Um módulo complementar ao curso foi implementado para auxiliar na elaboração participativa, junto aos Pataxó, de um plano de negócios para a recepção de visitantes por eles. Foram realizadas reuniões e entrevistas com lideranças indígenas, que trabalharam pela formatação de produtos turísticos diferenciados para cada aldeia, definição de preços de produtos e serviços e repartição dos benefícios entre os envolvidos diretamente na atividade turística e as comunidades. Todo este esforço de construção coletiva culminou em uma versão prévia de um Plano de Visitação, que será concluído no primeiro semestre de 2024 por uma consultoria contratada para tal fim.

Também em 2022, o Instituto Ciclos, com apoio da Rede Brasileira de Trilhas e do ICMBio, realizou um curso sobre trilhas de longo curso, com participantes indígenas, para discussão de um trajeto que passasse pelas aldeias Pataxó e pelo Parque Nacional do Descobrimento. Tanto nesse curso, como em outro sobre sinalização de trilhas, promovido pelo ICMBio com apoio do WWF, em novembro de 2023, ocorreram atividades práticas. Os participantes abordaram que reabrir as trilhas nas quais os antepassados utilizavam seria um diferencial.

As aldeias Monte Dourado e Alegria Nova estão localizadas ao norte da Terra Indígena, próximo à Corumbau, conhecida pela Ponta de Corumbau, onde na maré baixa uma longa faixa de areia abre espaço em meio ao mar e permite que se caminhe por até quinhentos metros mar adentro. É uma região que a floresta Atlântica guarda ainda vestígios de sua abundância de outrora. As aldeias Tibá, Caí, Gurita, Pequi e Dois Irmãos estão próximas ao distrito de Cumuruxatiba. Apesar de muito pequena, a vila de Cumuruxatiba se destaca por ter diversos artistas, grupos culturais e festas tradicionais. Foi justamente nesta região, precisamente na barra do rio Caí, ao norte de Cumuruxatiba, onde se tem o primeiro registro da chegada das caravelas portuguesas. No dia 23 de abril de 1500, Nicolau Coelho, capitão da esquadra de Pedro Álvares Cabral, ao descer em terra para se abastecer em água doce, tornou-se o primeiro homem branco a encontrar os indígenas que habitavam esta região.

Passados 523 anos de colonização, os direitos territoriais dos indígenas do Extremo Sul da Bahia ainda não foram plenamente reconhecidos. A TI Comexatibá é declarada, porém não demarcada, e vem sofrendo com o esbulho territorial decorrente de loteamentos ilegais para o estabelecimento de pousadas e hotéis de luxo administrados por pessoas em geral não pertencentes ao local, sobretudo sudestinos. Hoje, os indígenas de Comexatibá buscam fortalecer sua existência em seu território e entendem que o etnoturismo pode ser um aliado nesta luta, sensibilizando mais pessoas para sua causa e promovendo um turismo regenerativo, alicerçados pela proposta desse tipo de visitação.

Mas o que seria o etnoturismo? Diego Braz da Cruz, cacique da Aldeia Gurita, entende que é o desenvolvimento do trabalho turístico conforme a maneira dos indígenas. As aldeias podem apresentar atrativos que se articulem com os interesses dos turistas que já estão na região, como trilhas na mata, venda de produtos de artesanato, culinária e outras tradições indígenas, como o uso de ervas medicinais.

O etnoturismo na Terra Indígena Comexatibá possui atrativos que integram aspectos culturais e naturais, mesmo uma caminhada na Mata Atlântica irá trazer elementos culturais, pois os indígenas vão no caminho compartilhando seus conhecimentos botânicos e históricos. Os visitantes na TI Comexatibá podem também conhecer as roças, experimentar as medicinas tradicionais, adquirir artesanatos, se alimentar de produtos cultivados e preparados no local, entre outras coisas. “Awê, peixe na patioba, farinha, beiju, arrancar uma mandioca, mostrar para as crianças as galinhas, como dá o abacaxi...quem mora na capital não conhece essas coisas, não sabe que a comida saiu da terra”, disse José Conceição Ferreira, conhecido por Zé Fragoso, cacique da Aldeia Tibá. Zé Fragoso diz que com o etnoturismo todo o município ganha: “Nós não pensamos só em nós, se o turista fica um dia a mais, todo mundo ganha, as pousadas e os restaurantes também”.

Awê são cantos e danças feitos pelos Pataxó, geralmente em roda e, embora se relacione à espiritualidade, possui um caráter de brincadeira. É um acordo entre os Pataxó de Comexatibá de preservarem para si alguns aspectos de sua cultura, especialmente relacionados à espiritualidade. Assim, os rituais são fechados, mas no Awê o visitante pode ter uma experiência que passa pela espiritualidade, respeitando o espaço do que é sagrado. Algumas canções do Awê são tradicionais e foram aprendidas com seus antepassados, mas a cultura é viva e eles estão sempre inventando novas canções.

O peixe na patioba é o prato tradicional mais comum. Patioba (*Syagrus botryophora*) é uma palmeira muito presente do território Pataxó, conhecida também por pati. Os indígenas usam uma parte da palmeira para assar o peixe, mas também podem ser preparados outros alimentos, como banana da terra – fica uma delícia!





**Figura 2.** Visitantes acompanhados por condutor indígena na área de dupla-proteção entre o Parque Nacional do Descobrimento e a TI Comexatibá. **Fonte:** Acervo Nívea Dias

Além das trilhas regionais, que abrangem a área de uma aldeia, ou ainda, conectam uma aldeia a outra, há trilhas dos antepassados que ainda existem, porém, hoje o acesso é bloqueado em alguns pontos por propriedades privadas. A trilha mais conhecida é uma que leva da Barra do Kaí até Minas Gerais, mas há outras menores, que conectam aldeias e não estão acessíveis aos indígenas.

Conforme lembra Ricardo Azevedo, liderança indígena da aldeia Kaí, os turistas gostam de ir aos quintais agroflorestais e se oferecem para participar de mutirões de bioconstrução, reflorestamento e recuperação de nascentes, além de se disponibilizarem a dar oficinas de algo que eles tenham conhecimento.

Segundo a IN Funai 3/2015, os objetivos da visitação turística à aldeias são a valorização e a promoção da sociodiversidade e da biodiversidade. Entre as diretrizes gerais, a IN menciona “o respeito e o fortalecimento da identidade, usos, costumes e tradições, bem como da autonomia e das formas de organização próprias dos povos indígenas”. A interação com os povos indígenas e o meio ambiente pode (e deve) gerar renda às comunidades, mas deve respeitar a privacidade e a intimidade dos indígenas, nos termos que eles mesmos estabeleçam. E não se trata apenas de trabalho, pois existem oportunidades de trabalho na área do turismo nas pousadas e restaurantes em Cumuruxatiba. O importante aqui é que os indígenas possam ter renda dentro de suas próprias comunidades, e com atividades que valorizem sua cultura e fortaleçam sua luta. Não é só sobre renda, é sobre autonomia.

A questão territorial é tão crucial na vida do povo Pataxó da Terra Indígena Comexatibá que um dos principais interesses em receber visitantes se relaciona ao fortalecimento da luta pelo território. Os indígenas entendem que dar visibilidade à sua história sensibiliza e conquista aliados. É sobre transmitir ao visitante a verdadeira história do povo indígena, sem intermediários.

Os Pataxó querem receber visitantes que sejam modestos, educados, conscientes da importância de valorizar a natureza e que respeitem a cultura Pataxó. O respeito deve se manifestar de diferentes formas, como respeitando os momentos de rituais e não gravando nem fotografando as pessoas sem a autorização delas. Eles querem receber pessoas que sejam multiplicadoras, que venham com o coração aberto para aprender sobre sua cultura e sua história, se sensibilizem e se tornem aliadas na luta pela defesa dos direitos indígenas. E os Pataxó também estão abertos para a troca, os turistas podem compartilhar suas “bagagens” com a comunidade.



É consenso entre os Pataxó de Comexatibá a importância de romper com ideias estereotipadas do que são os indígenas, o imaginário construído socialmente que limita características físicas, estranha o uso de tecnologia, questiona vestimentas e desmerece serviços. Conhecer a realidade deste povo para além dos estereótipos é fundamental para conquistar aliados na defesa dos direitos indígenas.

O etnoturismo também pode incentivar a manutenção e a valorização dos modos de vida tradicionais por meio da arquitetura tradicional, do uso de vestimentas, adornos e grafismos, dos cantos e danças e da produção material de artesanatos e utensílios, contação de histórias etc. Assim, a atividade é entendida como instrumento de comunicação intergeracional.

Um exemplo bastante emblemático é a questão sobre o nome do Parque Nacional. Apesar de haver questionamentos pontuais antes de 2023, foi somente neste ano que o assunto foi formalizado, especialmente nas oficinas para revisão do plano de manejo do parque e na assinatura da renovação do Termo de Compromisso 02/2018. A partir de então, em diversas ocasiões, condutores indígenas mencionaram que visitantes das aldeias comentavam sobre o absurdo de que um termo tão colonialista desse nome ao parque, e que eles se sentiam envergonhados com isso. “Precisamos mudar o nome desse parque, para um nome que todos possam se orgulhar”, comentou o cacique Zé Fragoso em uma das reuniões para escuta social sobre esse tema. O olhar externo, aliado ao sentimento das comunidades locais, ajudou a catalisar um movimento de política pública.

Os indígenas também acreditam que a atividade turística pode contribuir com a proteção do território, na medida em que mais pessoas estariam transitando e mais recursos seriam gerados para a vigilância do território. “Turista bom - disse Zé Fragoso - é que o vem para ajudar, vem com boa intenção”. Zé Fragoso diz que gosta quando o turista “entra para brincar com a gente no nosso Awê. Pra mim isso é bom, quando eles vêm para brincar com a gente” (Figura 3).

É certo, no entanto, que há riscos. A decisão de abrir as aldeias para visitação não pode ocorrer sem uma reflexão sobre os impactos negativos que a atividade pode trazer. E a situação de insegurança



Figura 3. Visitantes acompanhados por condutor indígena na área de dupla-proteção entre o Parque Nacional do Descobrimento e a TI Comexatibá. Fonte: Acervo Nívea Dias

e os conflitos territoriais são tão intensos, que a segurança é uma das maiores preocupações do povo Pataxó. Há preocupação que pessoas mal-intencionadas façam visitas às aldeias para obter informações que podem afetar a segurança dos indígenas.

O aumento do fluxo de turistas causa impacto ambiental de diferentes maneiras. A forma de impacto que os indígenas mais destacaram é na vida dos animais: “ali é o lugar dos bichos ficarem à vontade, se chegar alguém fazendo barulho, o animal pode se sentir ameaçado”, disse Diego. Para minimizar esse impacto, sugere-se priorizar caminhadas ou passeios de bicicleta, e que os visitantes sejam orientados sobre a importância de falarem baixo para verem mais animais. É importante, como os Pataxó disseram, “deixar tempo para os bichos”, assim saberemos onde encontrá-los.

Os Pataxó demonstraram preocupação com o risco de “pensar no turista e esquecer das roças”. Eles podem ficar “afobados”, “desassossegados” e passarem muito tempo se dedicando aos turistas, não restando tempo para as atividades agrícolas e culturais. “Tem que colocar limites”, disse Ricardo, planejando a quantidade de passeios que consegue fazer por dia, garantindo tempo para outras atividades e a privacidade dos indígenas.

Na aldeia Tibá, após experimentar abrir a aldeia para visitação todos os finais de semana, os indígenas preferiram realizar a visitação apenas em datas específicas, com a realização de eventos temáticos e agendamento prévio. Desta forma, os indígenas da Tib  consideram que a atividade não interfere no cotidiano e tem a participação de mais membros da aldeia.

É preciso manter uma boa comunicação entre indígenas e turistas, para que os turistas saibam de suas responsabilidades e tenham clareza sobre quais serviç os os indígenas podem oferecer de verdade, sem idealizações. Conforme Z  Fragoso, “ruim é quando vem um que chega e fala assim: ‘eu pensei que ia ver vocês debaixo de uma oca de palha’, eu não gosto, porque de primeiro a gente tinha, mas hoje não tem mais marimbu, oricana, uruba, paraju e taubinha. Eles tem que entender que tudo mudou. E quando acham ruim a gente com celular, a gente não gosta”. Para Z  Fragoso, é importante conversar com os visitantes para que eles entendam que não vão encontrar as coisas do jeito que eles pensam, mas que isso não faz com que eles não sejam  ndios. Seu Zé ainda questiona “e o culpado, quem foi?”

Da mesma forma que o turismo pode ajudar a valorizar a cultura e resgatar aspectos que estavam sendo desvalorizados pelo povo, corre-se o risco de que a cultura se torne de alguma forma um folclore e se distancie da realidade cotidiana do povo. Nisso, os Pataxó de Comexatibá são unânimes: o turismo que querem não é sobre encenações, mas sobre o cotidiano real. Esse é um dos maiores desafios do etnoturismo e   também uma premissa do turismo de base comunitária: o turismo não deve se tornar a única atividade que a comunidade desenvolve, pois são justamente as outras atividades que dão sentido ao turismo.

Como forma de minimizar esse impacto, foi elaborado coletivamente um Manual de Boas Práticas dos Visitantes, que trata sobre o uso de imagens, veda o proselitismo religioso, destaca a legislação específica para o caso de realização de pesquisas e proibe o consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas ilícitas, permitindo apenas a degustação de bebidas tradicionais, fermentadas artesanalmente pelos indígenas, consumidas em contexto apropriado àquela realidade cultural.

Em relação   organização comunitária, o etnoturismo pode tanto fortalecer a união entre as aldeias, incentivando um trabalho coletivo, quanto pode provocar competitividade entre as comunidades. A promoção de espaç os de troca de experiências entre as aldeias pode ajudar, mas tudo depende da forma que o trabalho será desenvolvido, e, principalmente, do esforç o de cada pessoa para resolver os conflitos internos que surgirem. Para Z  Fragoso, “a forma para evitar conflitos com a comunidade é fazer tudo na vista de todo mundo, sempre convidar todos para as reuniões”.

O desenvolvimento do etnoturismo pode também favorecer a participação das aldeias em outros projetos, sejam de fortalecimento do turismo ou de temas correlatos, como cultura e meio ambiente. A partir da atividade, as comunidades deverão se organizar e estarão mais preparadas para buscar mais investimentos, seja por meio de editais ou de parcerias.

Destacamos um tipo de apoio recebido da ONG Conservação Internacional, que ofereceu uma mentoria para dez pequenos empreendimentos turísticos no extremo sul da Bahia em 2021 e 2022. Ao final, foi oferecido um recurso-semente para ajudar a alavancar cada iniciativa dessas. A aldeia

Tibá foi contemplada e utilizou o recurso doado principalmente para desenvolver um site (Figura 4) e implementar sinalização para se chegar à aldeia, o que gerou maior visibilidade da aldeia e ajudou para que outros projetos fossem aprovados, como nas áreas de agricultura familiar e restauração florestal.



Figura 4. Reprodução de publicação digital sobre evento organizado pela Tibá Etnoturismo. Fonte: Aldeia Tibá

Uma outra iniciativa que tem se desenvolvido a partir de 2023 é a união entre os pescadores artesanais da Reserva Extrativista Marinha de Corumbau e algumas aldeias das Terras Indígenas de Comexatibá e de Barra Velha para promover o turismo de base comunitária de forma integrada (Figura 5).

O etnoturismo é um caminho dos povos indígenas na conquista da sua autonomia, no seu modo de viver e no buscar os sonhos coletivos, familiares e individuais. Este caminho importa mais que o destino, é preciso que a atividade traga alegria e que os indígenas não abram mão de seus valores e do tempo de convivência em família e em comunidade. Desta forma, o turismo escolhido pelos Pataxó da TI Comexatibá pretende contribuir para a valorização cultural e da natureza, favorecer a transmissão de conhecimentos, conquistar sua autonomia e realizar os sonhos coletivos e individuais das comunidades envolvidas. Enquanto processo educativo, o etnoturismo é aliado na re-existência Pataxó e na ressignificação da história do “descobrimento”.





**Figura 5.** Mapa destacando as comunidades que fazem parte do Projeto de Fortalecimento Intercomunitário da RESEX Corumbau - linha Turismo de Base Comunitária. **Fonte:** Associação dos Pescadores Artesanais e Amigos da Costa do Descobrimento (APAACD)

## Relato de Experiência

# Ações Participativas entre Universidade e Comunidade na Região da Transamazônica e do Rio Xingu – Pará

Rute Silva Cardoso<sup>1</sup>  
Valeria dos Santos Moraes-Ornellas<sup>2</sup>

**1** Graduanda, Universidade Federal do Pará, Campus Altamira, e-mail: rutecardoso746@gmail.com; **2** Professora Doutora, Universidade Federal do Pará, campus Altamira, e-mail: vsmornellas@ufpa.br

## Introdução

Este trabalho relata experiências desenvolvidas no âmbito de um projeto apoiado pelo Edital no. 4/2022 do Programa Eixo Transversal da PROEX – Pró-Reitoria de Extensão/UFPA. Ele vem sendo executado no contexto do curso de Licenciatura em Etnodesenvolvimento, UFPA - campus de Altamira. O curso foi criado em 2009, “em resposta às demandas por educação superior dos movimentos indígenas, tradicionais e sociais da região da Transamazônica/Xingu e Tocantins” (PARENTE, 2014, p. 223). Reconhecido enquanto política afirmativa, ele adota a pedagogia da alternância como referencial didático-pedagógico, em que os educandos participam das disciplinas curriculares de TU – Tempo Universidade (janeiro/fevereiro e julho/agosto); e desenvolvem atividades de pesquisa e extensão junto aos seus grupos de pertença no TC – Tempo Comunidade, nos meses de março a maio e setembro a novembro (OLIVEIRA; PARENTE; DOMINGUES, 2017).

Seu projeto pedagógico é orientado por um currículo referenciado pela interculturalidade, que envolve o diálogo simétrico e interativo entre os diferentes grupos socioculturais, com objetivo de formar agentes sociais para atuação e negociação política em seus lugares de pertença e educadores para diferentes territórios da Amazônia (PARENTE; MILÉO, 2021). O presente relato de experiência envolve o processo formativo de uma discente de Etnodesenvolvimento. Ele parte da compreensão que a perspectiva intercultural crítica propõe a mudança do paradigma monocultural, simplificador e contraproducente, que pretende eclipsar as diferenças, cultivando pretensas verdades (REIS, 2017). Dentro de tal perspectiva, a interculturalidade valoriza os sujeitos das culturas como seres ativamente (re)criadores, que alimentam a cultura e são por ela realimentados/transformados (FLEURI, 2003).

Trata-se de uma abordagem que enfatiza a coparticipação e a cocriação, havendo relatos de bons resultados pedagógicos sobre a etnodiversidade cultural amazônica (ARAÚJO et al., 2015; RUBIM, 2016; LOPES; MILÉO, 2021). Ela implica na entrega do educador às experiências locais, a valorização do território e a indissociabilidade entre aprender e ensinar, saber e fazer, teoria e prática (COSTA; NASCIMENTO; PALADINO, 2019). Tudo isso faz parte do que significa a prática da extensão universitária e, portanto, a educação diferenciada tem muitos elementos que podem ser aproveitados em projetos que visam engajar as comunidades no seu próprio desenvolvimento a partir de atividades extensionistas. Partindo de tais premissas, são relatados resultados preliminares de um conjunto de ações realizadas em uma comunidade da Transamazônica e do Xingu.

A abertura da rodovia Transamazônica, na década de 1970, pelo governo brasileiro, desconsiderou a dinâmica social, baseada no extrativismo vegetal, integrando um mecanismo de povoamento da Amazônia por pessoas oriundas de diferentes lugares do país (HERRERA; NASCIMENTO, 2019).

**Citação:** Cardoso RS & VS Moraes-Ornellas (2023) Ações Participativas entre Universidade e Comunidade na Região da Transamazônica e do Rio Xingu – Pará. *Ecoturismo & Conservação* 4(1) p.14-22.

**Copyright:** © 2023 Cardoso & Moraes-Ornellas



Movidas pela esperança, parcelas da população brasileira aceitaram a promessa ofertada pela rodovia, o que não demorou a “se tornar desesperança, face ao abandono e à devastação” (SOUZA; ELIAS; NASCIMENTO, 2021, p. 28). Muitos dos que migraram para a região desistiram, retornando aos seus lugares de origem ou se deslocando para os centros urbanos dos arredores, mas, outros persistiram, ajudando a redesenhar a cartografia regional (BRAGA; SOUZA, 2019). Desta forma, diversas comunidades surgiram no contexto desenvolvimentista da Transamazônica.

Algumas delas, tendo se desenvolvido entre a estrada e o rio, no contexto desse grande projeto governamental, foram fortemente atingidas por outro também grande projeto – a Usina Hidrelétrica (UHE) de Belo Monte. Esse é o caso da Comunidade de Belo Monte do Pontal, a qual foi selecionada para a realização do projeto por ser o local de moradia da discente bolsista da PROEX/UFPA e graduanda do curso de Licenciatura em Etnodesenvolvimento (R. S. Cardoso). A localidade, assim como outras que tiveram origem semelhante a ela, no contexto da Transamazônica e do rio Xingu, foi impactada pela UHE Belo Monte. Com o crescimento populacional acentuado, durante o auge da construção da hidrelétrica, a substituição de hortas, pomares e criação para autoconsumo por imóveis construídos para alugar com dinheiro de empréstimos bancários e, por consequência, com contração de dívidas, caracterizou uma nova dinâmica socioeconômica (COSTA; SOUZA; HERRERA, 2023). Isso gerou problemas sociais, os quais demandam novas soluções, de modo a contribuir com a qualidade de vida das populações da região e a sustentabilidade da Amazônia. Outros impactos da mesma UHE causaram modificações estruturais, do ponto de vista social, econômico e ambiental (FREIRE; LIMA; SILVA, 2018; SANTANA; BRZEZINSKI, 2018; SOUZA et al., 2018; FAINGUELERNT, 2020). Dessa forma, são necessárias medidas que venham a trazer mais bem-estar social, o que foi uma das motivações do presente trabalho, a partir do estabelecimento de um plano para o ecoturismo em uma área da Transamazônica que foi afetada pela Usina Hidrelétrica.

O ecoturismo na Amazônia aparece em todos os planos de governo e em políticas públicas, algumas das quais não tiveram êxito, tendo prometido benefícios aos moradores locais, gerado decepção e conduzido a questão a um espectro de potencialidade (FIGUEIREDO, 2022). Isso porque qualquer proposta que se baseie nos conceitos de desenvolvimento sustentável e/ou de ecodesenvolvimento amazônico precisa propor-se a criar soluções para problemas particulares, sejam eles ecológicos, sociais e culturais, adequando-se à multiplicidade de realidades específicas da região (FERREIRA; NASCIMENTO; RIBEIRO, 2019). Por esse motivo, inclusive já se fala em um etnoturismo e no turismo comunitário como alternativas pautadas na inclusão social das comunidades tradicionais, tendo por objetivos: mostrar a realidade em que elas vivem, de forma socioambientalmente responsável; e proporcionar experiências de aprendizado com as diversidades sociais e biológicas locais (MELLO-NETO; TOPPINO, 2019).

Dentro desse tipo de turismo, “longos processos instituídos de negociação, visando conciliar conservação e uso, se materializam na figura do turista, que se desloca para a Amazônia à procura de experiências na natureza – como o encontro com um macaco ou um peixe” (COELHO; GONTIJO, 2022, p. 11). Porém, é importante que o planejamento de interações com a fauna seja feito, de modo a contribuir com a satisfação dos visitantes, a geração de renda nas comunidades receptoras e a conservação das espécies e seus habitats (VIDAL; PAIM; MARMEDE, 2022). Isso envolve acompanhamento a curto e longo prazo (FREITAS; ALEIXO; MORAES-ORNELLAS, 2022). Sendo assim, o interesse da universidade, compartilhado com os moradores de comunidades tradicionais da região amazônica, que têm intenções de desenvolver ecoturismo, envolvendo representantes da fauna, deve ser estimulado. O presente relato de experiência descreve os primeiros passos de um processo com tal potencial, desenvolvido no âmbito do curso de Licenciatura em Etnodesenvolvimento da UFPA/Altamira.

## Materiais e Métodos

Entre outubro de 2022 e junho de 2023, como parte do TC da discente Rute Silva Cardoso, foi realizada uma pesquisa-ação. Compreende-se por pesquisa-ação uma abordagem “que combina a investigação acadêmica com a ação prática para promover mudanças sociais, envolvendo a colaboração entre pesquisadores e membros da comunidade, visando gerar conhecimento relevante e aplicável às questões enfrentadas por essas comunidades” (QUEIROZ et al., 2023). A comunidade em questão reside em Belo Monte do Pontal, a 64 km de Altamira, entre os municípios de Vitória do Xingu e Anapu, estado do Pará. Ela se situa nas adjacências da balsa que faz a travessia do rio Xingu, fazendo parte de Anapu (Figura 1). Seus habitantes se autoidentificam como ribeirinhos e/ou pescadores, porém, sentem necessitar de uma organização coletiva e participativa mais forte, a fim de fortalecer sua identidade. O processo de colonização da Transamazônica influenciou diretamente na sua formação, assim como aconteceu com outras vilas e povoados da região. Tal dinâmica se desenvolveu baseada na pesca, o que, no entanto, sofreu modificações causadas pela implantação da UHE Belo Monte.



Figura 1. Localização de Belo Monte do Pontal, Anapú, PA. Fonte: Google Maps (2023).

O projeto de extensão previa uma pesquisa diagnóstica, composta por entrevistas com moradores da comunidade e observação-participante. As entrevistas foram realizadas na forma de conversas informais, para saber a opinião dos comunitários sobre como a universidade poderia colaborar com a organização socioambiental local. Visitas a membros da comunidade e conversas adicionais com usuários das áreas de lazer também foram consideradas fontes de informação. A observação-participante se baseou em Ingold (2016, p. 407), o que significa “ver, ouvir e sentir” o que acontece no entorno e, ao mesmo tempo, participar, “a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre”. Isso se deu no contato real da discente bolsista do projeto com sua comunidade de pertença em meio ao curso natural do cotidiano dos moradores. Além do que, houve a participação em: i) evento público na quadra poliesportiva, organizado pela Norte Energia; ii) reunião da Associação de Moradores, contando com a presença da vice-prefeita do município; iii) atividades com a comunidade escolar, envolvendo professores e alunos de 5º e 6º ano; iv) reunião com mulheres no SCFV - Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo; v) visita à equipe de saúde da comunidade. Foram realizadas também duas visitas à Secretaria de Esporte e Cultura de Anapu, em agosto de 2022 e maio de 2023, respectivamente.

As informações obtidas foram organizadas na forma de dois relatórios elaborados para o TC, do curso de Licenciatura em Etnodesenvolvimento. A partir dos dois documentos, o trabalho foi socializado na universidade, no ano de 2023, em duas ocasiões, a saber: i) Seminário TU (janeiro);

ii) Jornada Acadêmica de Etnodiversidade (agosto). O que resultou das discussões desenvolvidas, a partir da análise dos relatórios e das socializações, foi então confrontado com aspectos da literatura acadêmica que compõem o apanhado teórico epistemológico, o qual está orientando as atividades do projeto de extensão. Tais atividades preveem: reuniões de trabalho colaborativo da docente orientadora da UFPA com a discente bolsista e a comunidade, execução da ação em ecoturismo de base comunitária escolhida pelos moradores, análise e descrição dos resultados. O presente relato de experiência apresenta um raciocínio estabelecido por meio do confronto entre a ação prática participativa e o referencial teórico epistemológico, sendo parte da proposição do início da implantação de um plano para o ecoturismo no local.

## Resultados Parciais e Discussão

Quando o turismo não faz parte do cotidiano de uma comunidade, as pessoas que a integram não têm clareza quanto aos possíveis benefícios gerados por esta atividade (FARIA, 2005). Sendo assim, um dos princípios atendidos por iniciativas de ecoturismo é o de ajudar as comunidades locais a aprimorar seus modos de vida, reduzindo a degradação da terra, usando de energia limpa e apoiando o reflorestamento (BACHI; RIBEIRO, 2023). Em Belo Monte do Pontal, os comunitários demonstram alguns indícios de compreensão de tais questões. Nas entrevistas, os problemas locais que eles mais enfatizaram foram: falta de conservação do meio ambiente e ausência de investimento no turismo local. É facilmente perceptível que, nas áreas de lazer - praias, campo de futebol e quadra poliesportiva -, os usuários sempre jogam resíduos sólidos, dentro do rio e no solo. A maioria das pessoas descarta o lixo de forma errada, o que é um problema que tem sido relatado em algumas comunidades rurais da Amazônia (LOPES et al., 2020).

Os moradores também consideram ser preciso que haja um desenvolvimento voltado para o turismo, no qual eles possam gerar sua fonte de renda através das riquezas naturais locais, porém sem prejudicar a beleza cênica da paisagem e a integridade do meio ambiente. Esse tipo de turismo poderia ser caracterizado como turismo de base comunitária (FIGUEIREDO, 2022) e/ou como ecoturismo (CORIOLANO, 2011). Dentre os princípios básicos de um empreendimento ecoturístico, conforme proposto por Faria (2005), o envolvimento do patrimônio natural e cultural como atrações, a utilização sustentável e conservacionista de tais patrimônios, o envolvimento da comunidade, a conservação e a valorização das atividades tradicionais do lugar são todos lembrados como justificativas ao ecoturismo pelos moradores de Belo Monte do Pontal.

Em um evento na quadra poliesportiva, aconteceu uma conversa com jovens da comunidade e uma breve palestra dialogada. Ali a principal sugestão que surgiu foi a de criar um festival, a fim de chamar a atenção de turistas para a região. Considerando que, como sugerido por Coriolano (2011), o ecoturista é um intérprete, que vive uma experiência única, pensou-se em um festival chamado “Festival da *Peleca*”, já que *peleca* é como os moradores locais chamam a pescada, nome desconhecido para quem não mora ali (Figura 2). Na região do Médio Rio Xingu, há registros de boa produção pesqueira de *Plagioscion squamosissimus* (Heckel, 1840) e *P. magdalenae* (Steindachner, 1878), ambas as espécies de pescada-branca (CAMARGO; LIMA-JÚNIOR, 2007; MESQUITA et al., 2019). Mas, será necessário inventariar a qual (ou quais) espécie(s) os moradores de Belo Monte do Pontal se referem, já que o conhecimento tradicional aliado com o científico pode garantir maior sustentabilidade da atividade.

Nesse sentido, cabe lembrar que existem relatos de revitalização e potencialização da produção agropecuária e pesqueira, obtidas a partir da reorientação de conhecimentos históricos, valores e princípios, conquistadas por educandos, através do diálogo entre conhecimento acadêmico e tradicional. Isso se deu no Curso Técnico em Agropecuária e Recursos Pesqueiros do IFAM – Instituto Federal do Amazonas (ARAÚJO et al., 2015). A Licenciatura em Etnodesenvolvimento também



tem o objetivo de proporcionar diálogos construtivos entre a academia e os povos e comunidades tradicionais. Muitas experiências de aprender-ensinar vêm retroalimentando a pesquisa-ação, a qual é a própria prática docente em si que dá origem ao presente trabalho (MORAES-ORNELLAS, 2022, 2023; MORAES-ORNELLAS; ORNELLAS, 2023). Dentro delas, se percebe nitidamente o quanto necessário é definir os objetos dos processos de ações que envolvam comunidades tradicionais a partir das demandas delas mesmas.



Figura 2. Pescadores locais com resultados de suas atividades pesqueiras.  
Fonte: Rute Silva Cardoso (2023).

No caso em estudo, os próprios comunitários levantaram a questão sobre “para quem seria vendida esta ideia”, ou seja, quem seria o público do festival. A princípio, eles imaginam ser possível atrair o turista da região, de cidades circunvizinhas e todo público, turístico ou não, alcançado através das redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram, entre outros). Durante o festival, seriam oferecidos, ao público-alvo, passeios, onde as belezas naturais que existem ao redor da comunidade e às margens do rio Xingu poderiam ser mostradas. Trilhas de moto, de bicicleta e a pé, além de passeios a barco, corridas de canoas e, principalmente, campeonatos de captura da maior e da menor “peleca” também fariam parte do evento. O público-alvo seria levado, portanto, a conhecer as riquezas naturais que cercam Belo Monte do Pontal - cachoeiras, praias e uma diversidade de opções na área da pesca. Iniciativas desse tipo são consideradas relevantes no âmbito dos 17 ODS - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 30.

Acerca de tais objetivos, reconhece-se que existem “muitas dificuldades, metodológicas e técnicas, para elaborar indicadores ODS. Faltam metodologias para alguns indicadores, existem carências estatísticas sobre os mais variados temas, não há séries históricas, em alguns casos”, dentre outras dificuldades (KRONEMBERGER, 2019, p. 44). No entanto, esses objetivos e a Agenda 30 apontam metas que precisam ser trabalhadas, não só no nível global, mas, também regional. Dentro de comunidades tradicionais, há consciência coletiva dos desafios a serem enfrentados. Em diferentes momentos, durante a pesquisa-ação, a comunidade se mostrou receptiva para com a proposta de melhorar as condições de manutenção da limpeza nos locais de uso comum e de se organizarem projetos que visem desenvolver um ecoturismo de base comunitária. Na reunião da Associação de Moradores, que ocorreu em um barracão da Igreja Católica, com a presença das principais lideranças, incluindo o presidente da associação de moradores, foi enfatizada a importância de que os comunitários, que saem para cursar o ensino superior, possam colaborar com projetos que visem

a sustentabilidade local.

A ideia de um festival que exponha as riquezas naturais e o uso sustentável dos recursos, gerando fonte de renda aos moradores e mantendo a saúde do meio ambiente, foi bem aceita. Isso aparece até mesmo em manifestações das novas gerações. Dentre as atividades com a comunidade escolar, os alunos da turma do 5º ano foram instigados a desenhar como eles queriam que suas famílias vivessem. O desenho deveria ilustrar a família cuidando da natureza de maneira sustentável, o que foi muito bem elaborado (Figura 3). A professora de Geografia se mostrou bastante favorável à proposta de extensão, dizendo que “é de grande importância esse projeto, pois leva os alunos e professores a conhecer a história da comunidade e a importância da preservação da natureza”. Além do que, todo o corpo docente se mostrou predisposto a colaborar com o projeto. Isso é ótimo, pois, em outras comunidades locais, o ecoturismo tem contribuído com a educação ambiental nas escolas, produzindo concepções e atitudes orientadas por um viés de conservação e valorização do patrimônio natural (SILVA; FARIAS; MUHLE, 2022).

O ecoturismo também pode viabilizar a permanência de comunidades tradicionais em seus territórios (BOTELHO; RAIMUNDO, 2023), estimulando o protagonismo no planejamento e na organização de atividades que promovam o desenvolvimento local e a manutenção de modos de vida e cultura ancestrais (NEIMAN; BARROS-FREIRE, 2020). Compreendendo que isso poderá contribuir com a melhoria da qualidade de vida em Belo Monte do Pontal, as mulheres, no café da manhã promovido no SCFV, e a equipe de saúde da comunidade, mostraram aceitação do “Festival da Peleca”. Trinta mulheres participaram da referida reunião, quando se falou sobre violências recentes contra moradores locais e acerca do impacto da barragem da UHE sobre os peixes, que tiveram suas populações reduzidas, afetando a pesca. Com relação ao festival, elas disseram considerar que o turista pagará pela experiência ecoturística proposta para o rio Xingu.



**Figura 2.** A discente bolsista do projeto de extensão (segurando o cartaz, à esquerda) com membros da comunidade escolar, desenvolvendo atividades na escola. **Fonte: Rute Silva Cardoso (2023).**

Na visita à equipe de saúde, formou-se uma roda de conversa, dentro da qual também se abordou a proposta de extensão. A questão do descarte inadequado dos resíduos sólidos foi abordada. Em torno disso, a agente de saúde mais antiga disse que, com “a colheita do lixo de maneira certa, além de manter o meio ambiente limpo, podemos evitar várias doenças também, como por exemplo, a dengue que, nessa época chuvosa, castiga a comunidade, a malária, entre outras”. Sendo assim, pode-se afirmar que há interesse da parte da comunidade no ecoturismo e em um programa voltado à destinação correta dos resíduos sólidos. Os moradores demonstram ter vontade de melhorar os mecanismos de sustentabilidade locais. Parece haver um uníssono na opinião coletiva acerca de que a organização de



um “Festival da Peleca” atrairia atenção da sociedade da região para as belezas naturais de Belo Monte do Pontal, contribuindo com a construção de parcerias, com órgãos locais, como: Prefeitura Municipal, Norte Energia e Ponte Xingu. Desta forma, foi decidido, de maneira participativa, entre universidade e comunidade, que será dada continuidade ao projeto, o que demanda um olhar multidimensional para que o empreendimento seja implantado com sucesso. Os moradores estão dispostos a dividir tarefas para a realização do festival, o que inclui: exposição cultural, feira de artesanato, apresentações musicais da região, danças tradicionais e competições culinárias (usando a peleca). Eles pretendem oferecer passeios guiados pela natureza, em trilhas e por barco, além de implementar um programa de gestão de resíduos e reciclagem do festival, cujo planejamento será feito com apoio da UFPA.

## Considerações Finais

Belo Monte do Pontal é uma comunidade tradicional que abriga ampla área de lazer em torno do rio Xingu. Porém, os moradores da comunidade muitas vezes não dão o devido valor à riqueza que os cerca. A maioria dos usuários das praias e cachoeiras não recolhe seus lixos antes de deixarem o local, o mesmo acontece com a quadra poliesportiva e o campo de futebol. Dentre o que surgiu como prioridade para a continuidade do projeto de extensão, o festival de pescado traria fonte de renda e desenvolvimento para o local, de forma sustentável, sem agredir o meio ambiente. Percebe-se, portanto, duas necessidades, as quais são bem articuladas: i) de manter a limpeza das áreas de uso comum, dando-se destino correto ao lixo; ii) de organizar um festival que possa servir como atrativo para o turismo sustentável, melhorando a renda local e estimulando um olhar sobre a sustentabilidade socioambiental.

Todas as conversas informais, reuniões, rodas de conversa e demais dinâmicas realizadas foram de extrema importância para que o início do projeto, que envolve engajamento e protagonismo comunitário, pudesse dar seus primeiros passos. Ficou muito claro que existe aceitação da parte de todos que tiveram oportunidade de expressar suas opiniões em torno do desenvolvimento sustentável local, envolvendo um programa de ecoturismo de base comunitária. Tal programa contribuirá com a manutenção da saúde coletiva, do bem-estar socioambiental e da conservação da natureza. Ele também irá colaborar com a melhor distribuição de renda entre os moradores, como parte de uma aproximação entre universidade e comunidade. Portanto, além de promover o cumprimento de alguns dos 17 ODS, a realização do “*Festival da Peleca*” em Belo Monte do Pontal proporcionará experiências produtivas para ambas as contrapartes – comunidade e universidade –, aprimorando tal relação e promovendo a extensão da academia para a sociedade, ao mesmo tempo em que produz conhecimento teórico e prático sobre o ecoturismo de base comunitária na Amazônia.

## Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, M. I.; ARAÚJO, A. M. C.; ALMEIDA, J. C.; SOUSA, S. G. A. A Educação à Distância e a diversidade etnocultural amazônica. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 1., 2015, Boa Vista. Resumos Expandidos (...). Boa Vista: UFRR, 2015. p. 29-32.
- BACHI, L.; RIBEIRO, S. C. Onde o ecoturismo pode aprimorar a sociobiodiversidade? Mapeamento de oportunidades e limitações para a gestão de usos multifuncionais da terra no Brasil. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 351-377, 2023.
- BOTELHO, E. S.; RAIMUNDO, S. Aporte teórico-conceitual sobre as parcerias público-comunitárias para o lazer e o turismo em áreas protegidas. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 25-46, 2023.
- BRAGA, M. M. M.; SOUZA, C. M. Transamazônica: terra, trabalho e sonhos. *Revista*

- Territórios & Fronteiras, Cuiabá, v. 12, n. 1, p. 172-191, 2019.
- CAMARGO, M.; LIMA-JÚNIOR, W. M. A. Aspectos da biologia reprodutiva de seis espécies de peixes de importância comercial do Médio Rio Xingu – bases para sem manejo. Uakari, Belém, v. 3, n. 1, p. 64-77, 2007.
- COELHO, E. A.; GONTIJO, B. M. Macaco, peixe, pássaro e turistas: atores locais e contextos globais associados à conservação da Amazônia. Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. 25, p. 1-23, 2022.
- COROLANO, L. N. M. T. Ecoturismo e contribuição ao desenvolvimento sustentável em comunidades – Ceará – Brasil. Revista Geográfica de América Central, Heredia, Costa Rica, v. 2, p. 1-19, 2011.
- COSTA, Y. C. C.; NASCIMENTO, D. A.; PALADINO, M. A. etnoeducação como perspectiva e prática para a valorização dos conhecimentos tradicionais. Amazônia Latitude, Tallahassee, Florida, 2019. Disponível em: <<https://amazonialatitude.com/2019/12/17/a-etnoeducacao-como-perspectiva-e-pratica-para-a-valorizacao-dos-conhecimentos-tradicionais/>>. Acesso em: 06 jun. 2021.
- COSTA, P. S. S.; SOUZA, C. M.; HERRERA, J. A. Agrovila Leonardo D’Vinci, na Transamazônica e os impactos frente a construção da Hidrelétrica Belo Monte. Revista de Estudos Interdisciplinares, Florianópolis, v. 5, n. 3, p. 208-230, 2023.
- FAINGUELERNT, M. B. Impactos da Usina Hidrelétrica de Belo Monte: uma análise da visão das populações ribeirinhas das reservas extrativistas da Terra do Meio. Civitas, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 43-52, 2020.
- FARIA, I. F. Ecoturismo: etnodesenvolvimento e inclusão social no Amazonas. Pasos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Tenerife, Espanha, v. 3, n. 1, p. 63-77, 2005.
- FERREIRA, M. B. P.; NASCIMENTO, C. P.; RIBEIRO, L. Proposta de ecoturismo para desenvolvimento sustentável na Amazônia: estudo no município de São João da Ponta, PA. Revista Tecnologia e Sociedade, Curitiba, v. 15, n. 35, p. 113-131, 2019.
- FIGUEIREDO, S. L. Alternativas de turismo de base comunitária na Amazônia Legal brasileira. Confins - Revista Franco-Brasileira de Geografia, São Paulo, n. 54, p. 1-17, 2022.
- FLEURI, R. D. (Org.). Educação intercultural: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FREIRE, L. M.; LIMA, J. S.; SILVA, E. V. Belo Monte: fatos e impactos envolvidos na implantação da usina hidrelétrica na região Amazônica paraense. Sociedade & Natureza, Uberlândia – MG, v. 30, n. 3, p. 18-41, 2018.
- FREITAS, F. N. S.; ALEIXO, D.; MORAES-ORNELLAS, V. S. Turismo de observação de aves: potencial de economia sustentável na Amazônia Paraense. Revista Brasileira de Ecoturismo, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 593-608, 2022.
- HERRERA, J. A.; NASCIMENTO, F. R. Rodovia Transamazônica (BR-230): corolário de novas realidades e problemas territoriais. Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral – CE, v. 21, n. 3, p. 59-78, 2019.
- INGOLD, T. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da abtropolgia. Educação, Santa Maria – RS, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.
- KRONEMBERGER, D. M. P. Os desafios da construção dos indicadores ODS globais. Ciência e Cultura, Campinas – SP, v. 71, n. 1, p. 40-45, 2019.
- LOPES, A. C. A.; SILVA-JUNIOR, A. S.; ARAÚJO, C. S. S.; ANJOS, D. M. G.; SOUSA, E. F.; SILVA, J. C. C.; LOPES, L. S. B.; SOUSA, K. A.; ROCHA, T. J. O.; GUIMARÃES, T. P.; FIGUEIRA, S. A. S.; VALENTIM, L. A.; LUIZ, O. C. Vulnerabilidades individuais, sociais e pragmáticas relacionadas às doenças endêmicas na Amazônia paraense. Research, Society and Development, Vargem Grande Paulista – SP, v. 9, n. 2, e9391210920, 2020.
- LOPES, R. S.; MILÉO, I. S. Magistério Extrativista da Terra do Meio – experiências de currículo como território educativo na floresta amazônica. Revista Espaço do Currículo, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 1-17, 2021.
- MELLO-NETO, R. C. S.; TOPPINO, M. A. Etnoturismo como meio de promoção do desenvolvimento sustentável e valorização da cultura dos povos tradicionais da Amazônia

- brasileira. *Revista de Direito Ambiental e Socioambientalismo*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 72-86, 2019.
- MESQUITA, E. M. C.; CRUZ, R. E. A.; HALLWASS, G.; ISAAC, V. J. Fishery parameters and population dynamics of Silver Croaker on the Xingu River, Brazilian Amazon. *Boletim do Instituto de Pesca*, São Paulo, v. 45, n. 2, e423, 2019.
- MORAES-ORNELLAS, V. S. Observações sobre abordagens da fauna silvestre na Educação Ambiental Crítica e transformadora. *REMEA – Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande - RS v. 39, p. 268-287, 2022.
- MORAES-ORNELLAS, V. S. Etnopsicanálise, povos e comunidades tradicionais: o papel da escuta na prática docente da educação diferenciada. *Revista Diversidade e Educação*, Rio Grande - RS v. 11, n. 1, p. 785-806, 2023.
- MORAES-ORNELLAS, V. S.; ORNELLAS, R. B. Etnoconservação de morcegos em Unidades de Conservação de Uso Sustentável da Amazônia brasileira. *Biodiversidade Brasileira*, Brasília – DF, v. 13, p. 1-14, 2023.
- NEIMAN, Z.; BARROS-FREIRE, J. M. Percepção local acerca da aplicabilidade do Ecoturismo de Base Comunitária na RESEX Corumbá (BA). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 488-515, 2020.
- OLIVEIRA, A. C.; PARENTE, F. A.; DOMINGUES, W. C. L. Pedagogia da alternância e(m) etnodesenvolvimento: realidade e desafios. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1545-1565, 2017.
- PARENTE, F. A. Educação superior em etnodesenvolvimento, movimentos indígenas e agência da diferença étnica em Altamira/PA. *Revista Fórum Identidades*, Itabaiana – SE, ano 8, v. 16, p. 223-245, 2014.
- PARENTE, F. A.; MILÉO, I. S. O. O Curso de Etnodesenvolvimento e a formação diferenciada e intercultural: contribuições no contexto educacional, sociopolítico e cultural da Amazônia. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, e78264, 2021.
- QUEIROZ, R. C.; PREDERIGO, A. L.; FERNANDES, L. S.; SANTANA, G. F.; ALMEIDA, M. L. Autorreflexão e pesquisa-ação crítica: tecendo diálogos. *LOGEION: Filosofia da Informação*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 184-196, 2023.
- REIS, D. A. Currículo intercultural crítico na escola: formação que produz diferenças. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 50, p. 135-150, 2017.
- RUBIM, M. F. S. A educação escolar de indígenas Ticuna do Alto Solimões. *Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras*, Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant, 2016.
- SANTANA, A. T.; BRZEZINSKI, M. L. UHE Belo Monte: o Estudo de Impacto Ambiental e suas contradições. *Revista Brasileira de Iniciação Científica*, Itapetininga – SP, v. 5, n. 2, p. 235-256, 2018.
- SILVA, M. J. F.; FARIAS, C. R. O.; MUHLE, R. P. A educação ambiental nos ventos do ecoturismo: um olhar a partir das práticas. *Revista Ambiente & Educação*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 1-26, 2022.
- SOUZA, D. P.; SILVA, W. R. S.; CERVINSKI, G. C.; SANTOS, B. D.; COMARÚ, F. A.; TRIGOSO, F. B. M. Desenvolvimento urbano e saúde pública: impactos da construção da UHE de Belo Monte. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, v. 46, p. 154-173, 2018.
- SOUZA, M.; ELIAS, G.; NASCIMENTO, V. A trajetória de uma estrada: análise de discurso de representações da rodovia Transamazônica em seus cinquenta anos de história. *Cadernos do CEOM*, Chapecó – RS, v. 34, n. 55, p. 23-38, 2021.
- VIDAL, M. D.; PAIM, F. P.; MAMEDE, S. B. Diversidade, desafios e potencialidades do turismo com mamíferos na Amazônia brasileira. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 157-179, 2022.

# Conectando Educação, Tecnologia e Natureza: Mapeamento das Trilhas, Unidades de Conservação e Escolas em Petrópolis – RJ

**Luana da Silva Pitzer<sup>1</sup>**  
**Fernando Amaro Pessoa<sup>2</sup>**  
**Bruno César dos Santos<sup>3</sup>**

**1** Bacharel em Turismo pelo Cefet/RJ Petrópolis; Especialista em Desenvolvimento Territorial pelo Departamento de Turismo da UERJ; Mestranda em Ecoturismo e Conservação pela UNIRIO; pitzer.luana@hotmail.com; **2** Doutor em Geografia pelo PPGG/UFRJ; Docente do Cefet/RJ Petrópolis; fernando.pessoa@cefet-rj.br; **3** Mestre em Geografia pelo PPGG/UFRJ; Professor da Secretaria Municipal de Educação de Petrópolis; brunocesargeografia@gmail.com

## Introdução

Frente à atual crise ambiental, as abordagens tradicionais de ensino mostram-se inadequadas para a era pós-moderna. A comunicação unidirecional inerente a esses métodos contrasta com as novas formas que fazem uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, ou TICs. Ao longo de toda a história humana, as TICs desempenham um papel significativo. Elas representam configurações comunicativas que se baseiam nas tecnologias disponíveis em um dado contexto histórico, não se limitando necessariamente à informática (SILVA, 2002). Essas tecnologias podem ser compreendidas como conjuntos de recursos tecnológicos integrados, destinados à automação e comunicação de processos, atualmente, principalmente por meio de funções de hardware, software e telecomunicações.

Discussões sobre a inserção de TIC no processo educativo são recentes, mas numerosas. Diversos são os processos interativos que elas possibilitam, para Moraes et. al (2006) são novas formas de interação com a mensagem, entre os dois polos comunicadores, o emissor e receptor. Porém, os autores destacam a importância de uma real comunicação e mediação de saberes, e trazendo a perspectiva dialógica freireana acreditam numa educação transformadora, de dialogicidade entre os sujeitos, sem uma relação dominadora.

Esse contexto destaca o desafio que, mesmo com a mediação da tecnologia, se estende para a prática do educador. No processo educativo, faz-se necessário a conscientização por uma comunicação libertadora no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação. O desenvolvimento educacional por meio de uma comunicação coletiva é, de fato, um desafio, pois embora muitas práticas se proponham, ainda persistem como formas dominadoras e unidirecionais.

Propomos um projeto fundamentado na tecnologia, desenvolvido de maneira coletiva. Surgido de um contexto formal de ensino, esse trabalho é alimentado por diálogos entre moradores locais, condições também dos próprios pesquisadores, buscando adaptação contínua às demandas da comunidade e região. A facilidade proporcionada pela ferramenta tecnológica permite atualizações ágeis e eficientes.

As ferramentas tecnológicas são conhecidas também pelo seu poder democrático de superar barreiras geográficas e de tempo, já que com a rede mundial de computadores as informações chegam em um curto espaço de tempo a lugares distantes. Essa democracia é limitante, nem todos conseguem, podem ou querem o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação. Assim, ficam claras as possibilidades decorrentes da TIC, que podem mudar a forma como conhecemos o mundo, democratizando um pouco as informações (RODRIGUES; COLESANTI, 2008).

Ao considerar a interseção entre tecnologia e Educação Ambiental (EA), é evidente o potencial significativo que essa combinação possui. As Tecnologias da Informação e Comunicação têm a capacidade intrínseca de cativar as pessoas, tornando-se ferramentas eficazes na sensibilização para

**Citação:** Pitzer LS, Pessoa FA & BC Santos (2023) Conectando Educação, Tecnologia e Natureza: Mapeamento das Trilhas, Unidades de Conservação e Escolas em Petrópolis – RJ. Ecoturismo & Conservação 4(1) p. 23-26.

**Copyright:** © 2023 Pitzer, Pessoa & Santos

questões ambientais. A EA, por sua vez, é compreendida como uma prática social transformadora, um processo educativo que visa transcender os paradigmas civilizacionais e sociais da sociedade contemporânea, com o compromisso central de promover a sustentabilidade da vida e a ética ecológica (LOUREIRO, 2002).

No entanto, é fundamental ressaltar que a ação transformadora da EA possui limitações, uma vez que precisa se conectar com outras esferas da vida e não pode ser simplista a ponto de ser vista como a “salvação do planeta” (LOUREIRO, 2009). Essa mesma simplicidade é algumas vezes atribuída às tecnologias, sendo idealizadas como soluções universais. No entanto, é importante reconhecer que elas também têm limitações, sendo uma delas a necessidade de promover um diálogo efetivo, que muitas vezes não é alcançado pela falta de interatividade.

Pensando nessa associação e no cenário ambiental há também a Interpretação Ambiental (IA), definida pelo ICMBio (2018) como

*um conjunto de estratégias de comunicação destinadas a revelar os significados dos recursos ambientais, históricos e culturais, a fim de provocar conexões pessoais entre o público e o patrimônio protegido. (ICMBIO, 2018, p. 14)*

A interpretação ambiental entendida como comunicação pode ser facilmente associada a meios tecnológicos. Importante diferenciar educação ambiental e interpretação ambiental, constantemente confundidas. Entre as diversas características que as diferenciam, uma evidente é a respeito do público, na interpretação o público muda regularmente, já na educação o processo é contínuo, de maior complexidade, um trabalho sucessivo com um público específico. Em suma, a “interpretação ambiental tem o propósito de sensibilizar os visitantes por meio do estabelecimento de conexões pessoais entre estes e o recurso protegido na unidade”. (ICMBio, 2018, p.16)

Em resposta a esse cenário, com a conjunção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), a Educação Ambiental e a Interpretação Ambiental, elaboramos um produto técnico em Petrópolis. Contextualizando, Petrópolis é um município na Região Serrana do Rio de Janeiro, com cerca de 307.144 habitantes e uma altitude média de 845 metros, situado a 65 km da capital do estado. A cidade possui um relevo montanhoso, com diferentes conjuntos de montanhas e picos isolados, abraçados pela Mata Atlântica. Esse cenário montanhoso moldou sua cultura, com o montanhismo sendo uma prática esportiva e de lazer proeminente.

A cidade reconheceu a importância do montanhismo com a Lei Municipal nº 8.065/2020, que destaca o interesse pela conservação, sinalização e proteção das trilhas e vias de escaladas das montanhas (PETRÓPOLIS, 2020). Além disso, em 2022, o montanhismo foi oficialmente declarado “Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Petrópolis” (PETRÓPOLIS, 2022). Essas ações reforçam a relevância das montanhas como um destaque na imagem turística de Petrópolis, além do potencial para práticas de educação e interpretação ambiental.

O produto técnico surgiu no contexto do projeto de extensão Expedições do Cefet/RJ, o qual visa, por meio da interpretação ambiental, a prática do montanhismo com os discentes, docentes e técnicos administrativos da Instituição, além de colaboradores externos. Dentre os objetivos do projeto estão o de fazer a vivência na Natureza um ambiente educativo, despertando a conscientização ambiental dos estudantes e a sensação de pertencimento aos locais visitados.

Ao realizar as expedições, tanto como moradores locais de dois dos autores deste estudo quanto na interação com os participantes das expedições, emergiu uma discussão significativa acerca do potencial do ecoturismo em nossa região. Foi nesse contexto que concebemos a ideia de desenvolver uma plataforma que oferecesse uma visualização clara e acessível das trilhas disponíveis e das unidades de conservação de Petrópolis. O principal objetivo dessa iniciativa foi criar uma ferramenta de fácil utilização para a comunidade, simplificando a interação com as unidades de conservação e incentivando a colaboração entre as escolas locais.



A partir dessa abordagem integral, nasceu o “Mapa Trilhas, Unidades de Conservação e Escolas de Petrópolis”, que está disponível online no seguinte link: [https://www.google.com/maps/d/u/1/edit?mid=18UlWZIJ\\_6Q16xQwoFEKwQ2Xb0LiHIYZl&hl=pt-BR&ll=-22.395513469971824%2C-43.203900000000004&z=10](https://www.google.com/maps/d/u/1/edit?mid=18UlWZIJ_6Q16xQwoFEKwQ2Xb0LiHIYZl&hl=pt-BR&ll=-22.395513469971824%2C-43.203900000000004&z=10). Enquanto desenvolvíamos o mapa interativo, percebemos a necessidade de criar materiais de apoio complementares, como uma cartilha informativa e um vídeo tutorial, para melhor orientar os usuários na exploração dessa valiosa ferramenta.

O mapa contempla a espacialização das trilhas, os polígonos das unidades de conservação e também as escolas municipais públicas a partir do segundo segmento do ensino fundamental (do 6º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio), além dos distritos do município. A interatividade está na possibilidade do usuário habilitar as camadas do mapa, podendo configurá-lo de diversas formas e combinar algumas temáticas. Por exemplo: visualizar apenas as unidades de conservação com as trilhas, ou habilitar as camadas para ver o mapa somente das escolas com as trilhas. Essa funcionalidade é possível por ser um material online, uma TIC. Outro benefício desse recurso tecnológico é a rapidez e facilidade de atualizações, que podem ser feitas sempre que necessárias, e a praticidade para a divulgação.

A visualização espacial das trilhas nas unidades de conservação, junto das escolas, facilitam entender o potencial de algumas áreas protegidas para educação ambiental, pois facilitam o olhar na distribuição dos pontos e distâncias. São 53 escolas e 38 trilhas, sendo que todos os bairros que possuem escolas possuem trilhas. Esse dado demonstra as possíveis relações que podem ser cruzadas, criando-se experiências educacionais na Natureza em diversos pontos da cidade.

Essas trilhas também são utilizadas pelo ecoturismo, e o mapa pode contribuir nesse aspecto, visto que em cada trilha tem o link do trajeto para o aplicativo Wikiloc.

A escolha para a plataforma de confecção do mapa foi o Google My Maps, uma plataforma gratuita, com facilidade de acesso, busca e atualização. Para o levantamento das trilhas foi utilizado o livro Guia de Trilhas de Petrópolis, de Waldyr Neto (2008), e os dados das escolas foram obtidos pela organização QEdu ([www.qedu.org.br](http://www.qedu.org.br)). Para a inserção dos polígonos das unidades de conservação públicas foram utilizados diferentes bancos de dados, caso do Instituto Estadual do Ambiente (INEA) e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Depois do levantamento, os arquivos foram ajustados ao mesmo sistema geodésico (SIRGAS 2000), em ambiente SIG, para extrair as informações das áreas das UC.

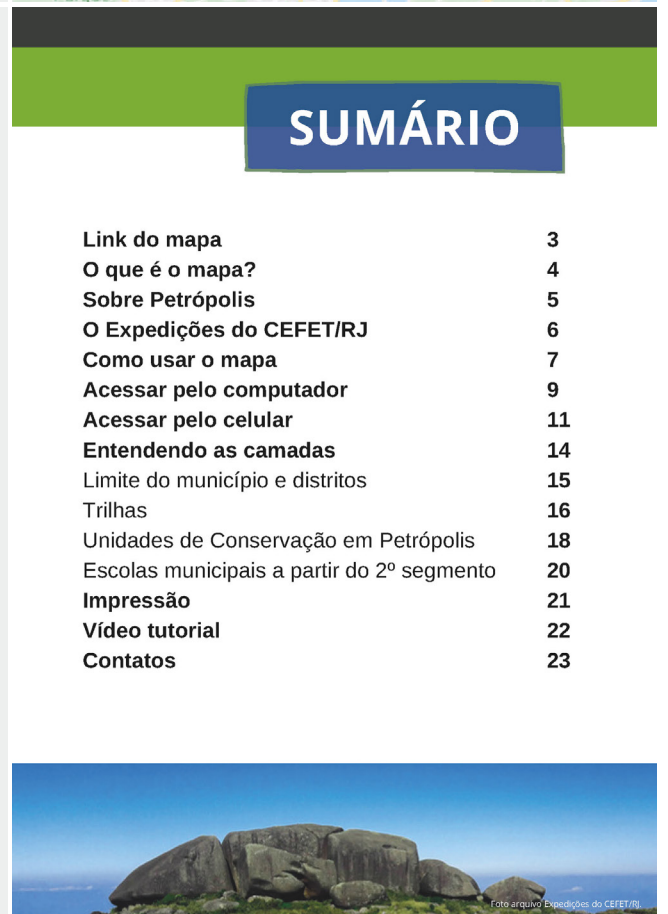
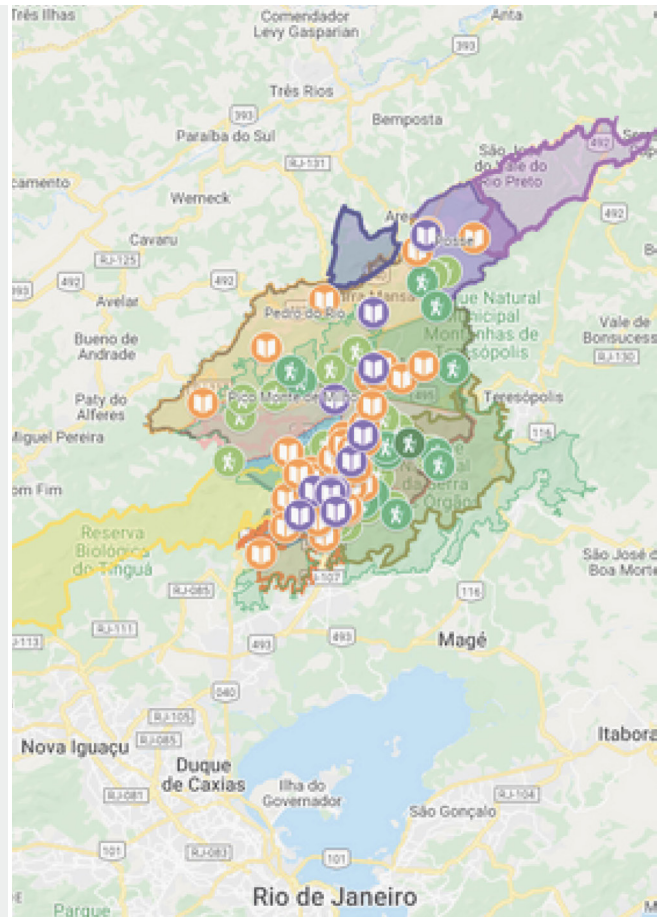
Apesar da sua intuitividade, a cartilha disponibilizada nesse dossiê e o vídeo tutorial (disponível no link: <https://sites.google.com/view/expedicoes-do-cefetrj/mapa-interativo>) oferecem um auxílio valioso para compreender o funcionamento do mapa interativo. Além de proporcionar informações detalhadas sobre o tema, esses recursos incluem tabelas que organizam os dados e servem como um ponto de partida para estabelecer contato e iniciar discussões sobre o assunto. O seu propósito principal é ser um recurso que contribua para a promoção do montanhismo no município.

Por fim, cabe ressaltar a importância da temática para Petrópolis e articulações políticas realizadas a partir dos diferentes diálogos estabelecidos, que culminaram na Lei nº 363/2023, que reconhece o município como a “Capital Estadual das Unidades de Conservação” (RIO DE JANEIRO, 2023).

## Referências bibliográficas

- INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. Interpretação ambiental nas unidades de conservação federais. Brasília, DF, 2018. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/336567784\\_Interpretacao\\_Ambiental\\_nas\\_Unidades\\_de\\_Conservacao\\_Federais](https://www.researchgate.net/publication/336567784_Interpretacao_Ambiental_nas_Unidades_de_Conservacao_Federais) >. Acesso em: 20 jun 2022.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação Ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LAYRARGUES, Philippe

- Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de. Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. *Ambiente & Educação*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 37-54, 2009. Disponível em: <https://seer.furg.br/ambeduc/article/view/897>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- MORAES, Raquel de Almeida; DIAS, Ângela Correia; FIORENTINI, Leda Maria Rangel. As tecnologias da informação e comunicação na educação: as perspectivas de Freire e Bakhtin. *UNI Revista*, São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 1-9, 2006. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/ecvc1es>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- NETO, Waldyr. Guia de Trilhas de Petrópolis. Petrópolis: [s.n.], 2008.
- PETRÓPOLIS. Lei nº 8.065 de 10 de dezembro de 2020. Declara de relevante interesse para o município de Petrópolis o montanhismo, a conservação, a sinalização e a proteção das trilhas e vias de escaladas das montanhas e dá outras providências. Disponível em: <http://acesopanam.org/wp-content/uploads/2020/12/6067.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- \_\_\_\_\_. Decreto nº 130 de 03 de junho de 2022. Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Petrópolis a Prática do Montanhismo. Disponível em: <https://shorturl.at/dALY6>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- RIO DE JANEIRO. Lei nº 363 de 05 de setembro de 2023. Declara a cidade de Petrópolis como a “Capital Estadual das Unidades de Conservação”, do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://shorturl.at/mqGPT>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- RODRIGUES, Gelze Serrat de Souza Campos; COLESANTI, Marlene T. de Muno. Educação Ambiental e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. *Sociedade & Natureza*, [S. l.], v. 20, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9398>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- SILVA, Bento. A inserção das tecnologias de informação e comunicação. Repercussões e exigências na profissionalidade docente. In: MOREIRA, Antônio Flávio B; MACEDO, Elizabeth Fernandes de. *Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidades*. Portugal: Porto Ed., 2002. p. 65-91.





3

# O MAPA

**Para acessar o mapa**  
**"Trilhas, Unidades de Conservação e**  
**Escolas de Petrópolis"**  
**entre nesse link:**  
<https://bit.ly/3ikT13D>

ou acesse pelo  
QR Code:





Foto arquivo Expedições do CEFET/RJ

4

## O que é o mapa?

### TRILHAS, UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E ESCOLAS DE PETRÓPOLIS

O mapa é uma criação do projeto de extensão "Expedições do CEFET/RJ Petrópolis", que organizou as trilhas e unidades de conservação da natureza do município de Petrópolis (RJ) junto com as escolas públicas a partir do segundo segmento do ensino fundamental (6º ano do fundamental ao 3º ano do médio).

A pesquisa tem como objetivo ações futuras do projeto e a divulgação dessas informações organizadas para o público, a fim de estimular mais ações educacionais em trilhas do município, além de demonstrar de uma maneira atrativa uma Petrópolis repleta de belezas naturais.

As informações começaram a ser coletadas e organizadas em 2019, e são atualizadas constantemente.



5

## Sobre Petrópolis

6

## O Expedições do Cefet/RJ Petrópolis

### CONHEÇA A CIDADE

Petrópolis é um município da região serrana do estado do Rio de Janeiro, possui uma altitude média de 845 metros, território de 791,144 km<sup>2</sup> e 307.144 habitantes (IBGE Cidades, 2021)<sup>1</sup>.

Apresenta um relevo montanhoso, que influencia todo processo histórico de ocupação, com reflexos não só ambientais, mas também culturais. Delimitado por grandes áreas da Serra do Mar, com nomes locais como Serra dos Órgãos, Serra da Estrela e Serra das Araras.

As montanhas estão espalhadas por todo o município, compostas basicamente por rochas classificadas como granito e gnaisses, e coberto por uma fina capa de solo e vegetação. A mata atlântica configura-se como um plano de fundo em paisagens exuberantes, ideal para a prática do montanhismo.



O montanhismo foi reconhecido pela Lei Municipal nº 8.065/2020, que declara de significativo interesse para o município

*"o montanhismo, a conservação, a sinalização e a proteção das trilhas e vias de escaladas das montanhas, além de dar outras providências."*  
(PETRÓPOLIS, 2020)<sup>2</sup>

A prática do montanhismo também é considerada, pelo Decreto nº 130 de 03 de junho de 2022, como

*Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Petrópolis*  
(PETRÓPOLIS, 2022)<sup>3</sup>

E Petrópolis é declarada pela Lei Estadual nº 363/2023 como a

*Capital Estadual das Unidades de Conservação*  
(RIO DE JANEIRO, 2023)<sup>4</sup>



### NOSSA HISTÓRIA



O Expedições do Cefet/RJ Petrópolis é desenvolvido em um município que se destaca na questão ambiental, tanto em relação ao percentual de fragmentos florestais, mas também em quantidades de áreas protegidas. Por isso, o objetivo desse projeto de extensão é aumentar a consciência ambiental dos participantes, mostrando a necessidade da conservação da Natureza, apresentando alternativas de lazer diferentes das praticadas nos centros urbanos e induzindo uma maior interação com a natureza.

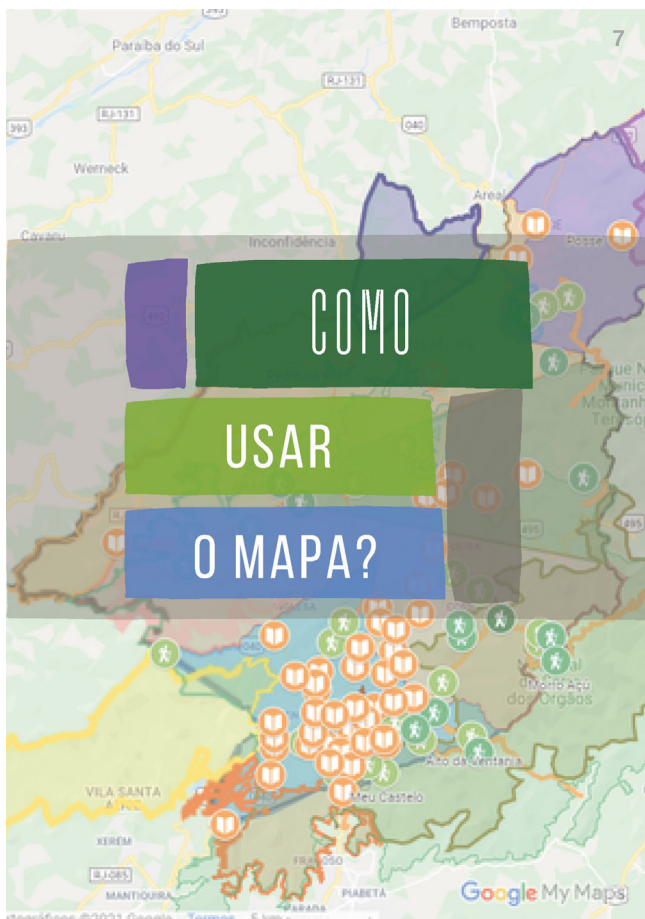
Desde 2016 são realizadas atividades de campo por meio do montanhismo de cunho pedagógico, associados aos conteúdos ministrados em sala de aula e utilizando principalmente o método da interpretação ambiental em trilhas. Os públicos-alvos são os corpos docente e discente do Cefet/RJ Uned Petrópolis, além dos técnicos-administrativos e convidados externos.

Ocorre a promoção da integração social de uma maneira satisfatória nas incursões, os locais escolhidos estimulam diversos assuntos a serem trabalhados, temas da ecologia, geografia, saúde, educação física, entre outros. O projeto também se dedica à pesquisa acadêmica.

Acesse nosso site: <https://sites.google.com/view/expedicoes-do-cefet/rj>



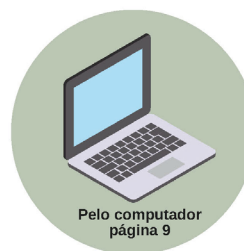




## APRENDA A USAR

O mapa foi desenvolvido na plataforma do *Google My Maps*, facilitando o acesso e funcionando de forma bem intuitiva. Mas caso você esteja com dificuldade em usar lhe ajudaremos.

A primeira etapa é escolher se você vai acessar pelo computador ou celular. Caso seja pelo computador passe para a próxima página, se for por celular siga para a página 11 desse manual.



Dica: Nossa recomendação é a visualização por um computador.

### Como acessar pelo computador

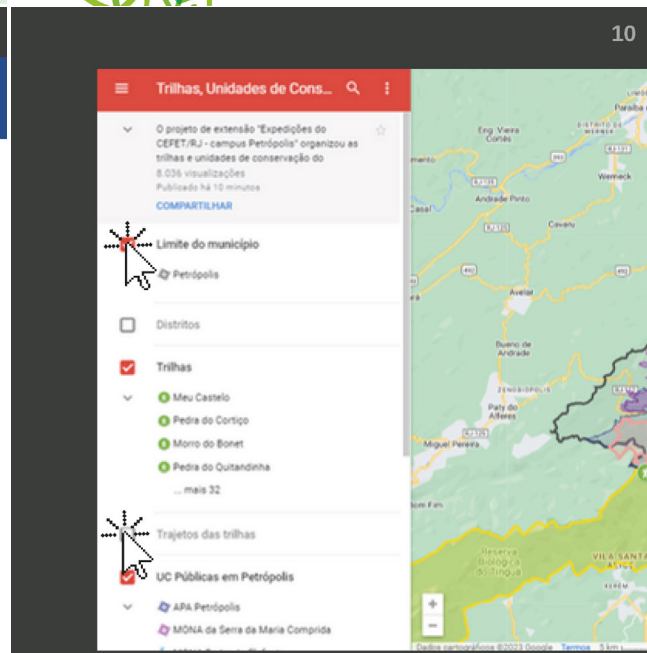
Entre no mapa: <https://bit.ly/3ikT13D>

Na lateral da tela, ao lado do mapa, você verá um menu com 6 camadas, são elas:

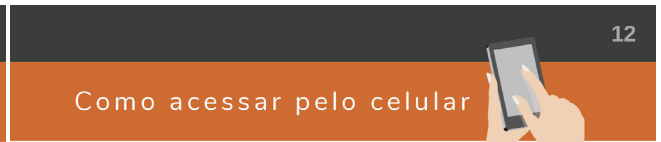
- Limite do município**
- Distritos**
- Trilhas**
- Trajeto das trilhas**
- UC Públicas em Petrópolis**
- Escolas públicas a partir do 2º segmento**

Nessa caixinha de seleção  é possível clicar para escolher qual camada irá aparecer no mapa.

Assim ela está selecionada  e assim desabilitada

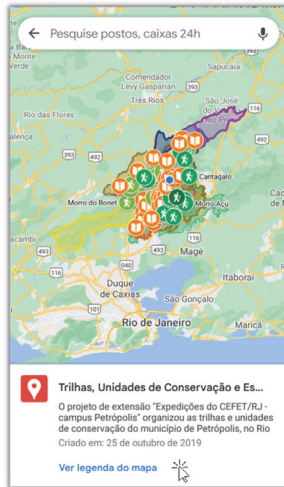


Habilite as do seu interesse, ou faça diferentes combinações.



Entre no mapa: <https://bit.ly/3ikT13D>

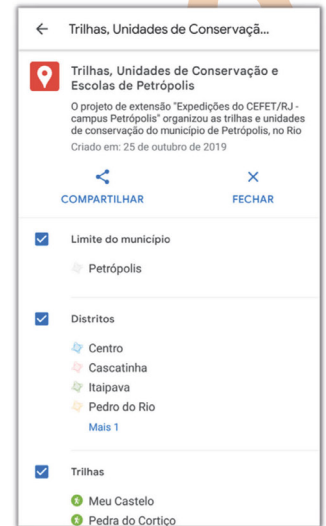
ou acesse pelo QR Code:



A tela principal é essa, você verá a descrição do mapa e logo abaixo o botão "VER LEGENDA DO MAPA". Clique nele para abrir as camadas que poderão ser selecionadas ou não para exibição no mapa.

Na lateral da tela você verá 6 camadas, são elas:

- Limite do município
- Distritos
- Trilhas
- Trajeto das trilhas
- UC Públicas em Petrópolis
- Escolas públicas a partir do 2º segmento



Nessa caixinha de seleção  é possível clicar para escolher qual camada irá aparecer no mapa.

Assim ela está selecionada  e assim desabilitada



Observação: É necessário ter instalado no celular o aplicativo Google Maps.



Habilite as do seu interesse, ou faça diferentes combinações.

Você poderá clicar também nos ícones no mapa para visualizar algumas informações. Por exemplo no símbolo de uma trilha.



15  
Limite do município

A camada limite do município reflete a delimitação da área do município de Petrópolis. É recomendada sempre a habilitação dessa camada, a fim de entender os pontos que estão dentro do território de Petrópolis.

Também é possível observar de forma mais clara com a camada habilitada os municípios vizinhos, podendo visualizar por exemplo as cidades que compartilham unidades de conservação com Petrópolis. Os municípios que fazem fronteira com Petrópolis são: Areal, Duque de Caxias, Guapimirim, Magé, Miguel Pereira, Paraíba do Sul, Paty do Alferes, São José do Vale do Rio Preto e Teresópolis.

**DISTRITOS**

Petrópolis é constituída de 5 distritos: 1º Petrópolis, 2º Cascatinha, 3º Itaipava, 4º Pedro do Rio e 5º Posse. Articulando as escolas públicas (a partir do 6º ano do fundamental até o 3º ano do ensino médio) com as trilhas e distribuindo por distritos, temos os seguintes números:



DISTRITOS	ESCOLAS	TRILHAS
PETRÓPOLIS	38	12
CASCATINHA	13	16
ITAIPAVA	7	4
PEDRO DO RIO	4	1
POSSE	3	3

16  
Trilhas

A camada Trilhas é uma excelente opção para compreender a distribuição das trilhas ao longo do território da cidade. Ao todo foram consideradas 36 trilhas baseadas no livro Guia de Trilhas de Petrópolis escrito por Waldyr Neto<sup>4</sup>. O ícone no mapa representa o cume, e as três variações de cores indicam o grau de dificuldade.

- Caminhada leve
- Caminhada semipesada
- Caminhada pesada

Ao clicar no nome ou no ícone da trilha aparecem as informações básicas, como distância, tempo médio, altitude máxima e o percurso no aplicativo Wikiloc. O site/aplicativo é gratuito e conhecido entre os montanhistas, um serviço de navegação *outdoor* que permite você baixar a rota realizada por outro usuário. Com isso todas as trilhas petropolitanas podem ser redirecionadas para o Wikiloc, basta clicar na trilha escolhida para visualizar o link de redirecionamento e ter acesso à mais detalhes do percurso.



Para a realização das trilhas é IMPORTANTE salientar que as atividades possuem riscos, e devem ser tomados os cuidados necessários ao estar em um ambiente de montanha, atentando para a necessidade de ir com pessoas experientes com o caminho, como Guias de Turismo ou Condutores de montanhas. Respeite a natureza, não deixe lixo no meio ambiente.

<sup>4</sup>NETO, W. Guia de Trilhas de Petrópolis. Rio de Janeiro, 2008.

17  
Trilhas

As linhas das trilhas também podem ser visualizadas no próprio mapa, basta habilitar a camada "Trajetos das trilhas". O final do trajeto da trilha é onde está o ponto do cume (deixar a camada "Trilhas" habilitada para visualizar). Em travessias o trajeto pode ser feito nos dois sentidos.



Para a realização das trilhas é IMPORTANTE salientar que as atividades possuem riscos, e devem ser tomados os cuidados necessários ao estar em um ambiente de montanha, atentando para a necessidade de ir com pessoas experientes com o caminho, como Guias de Turismo ou Condutores de montanhas. Respeite a natureza, não deixe lixo no meio ambiente.

18  
Unidades de Conservação públicas em Petrópolis

Petrópolis possui um território com mais de 60% de sua área protegida por unidades de conservação da natureza públicas. Mas o que são Unidades de Conservação da Natureza (UC)? São espaços territoriais para proteção ambiental, legalmente criadas pelo poder público por meio de estudos técnicos sobre a importância ecológica da área. Estão em território petropolitano 9 UC de diferentes categorias e tamanhos.

- Reserva Biológica do Tinguá
- Parque Nacional da Serra dos Órgãos
- Área de Proteção Ambiental da Região Serrana de Petrópolis
- Reserva Biológica de Araras
- Refúgio de Vida Silvestre Estadual da Serra da Estrela
- Parque Natural Municipal Padre Quinha
- Monumento Natural Pedra do Elefante
- Monumento Natural da Serra da Maria Comprida
- Floresta Municipal Quarteirão Italiano

Não são todas as Unidades de Conservação que permitem visitação, cada uma possui regras específicas de uso.

**Dica:** Combinar no mapa a camada de "Trilhas" e "UC públicas em Petrópolis", a fim de observar a disposição das trilhas sobre as UC.





19

Abaixo uma tabela com as áreas das unidades de conservação.

UC	ÁREA TOTAL (ha)	ÁREA DAS UC EM PETRÓPOLIS (ha)	% DA UC EM PETRÓPOLIS
REBIO Tinguá	25000,89	1210,64	4,84
PARNA Serra dos Órgãos	20024,03	7897,38	39,44
APA Petrópolis	59547,38	40885,03	68,66
REBIO Araras	3836,54	3568,21	93,01
REVIS Serra da Estrela	4811,86	1458,48	30,31
PNM Padre Quinha	16,52	16,52	100,00
MONA Pedra do Elefante	542,52	542,52	100,00
FM do Quarteirão Italiano	5,99	5,99	100,00
MONA Serra da Maria Comprida	7803,69	7803,69	100,00

Fonte: Projeto de Expedições do CEFET/RJ, 2022.


Importante destacar que existem projetos para novas UC em Petrópolis, o mapa estará em constante atualização.



20

## Escolas municipais a partir do 2º segmento

Diante das riquezas naturais que o município dispõe, o mapa traz a localização de escolas públicas para conectar com ideias de ações de educação ambiental nas montanhas. Ao todo são 53 escolas públicas municipais do 6º ano ao 9º do ensino fundamental e 12 escolas públicas de ensino médio. A cor dos ícones das escolas mudam conforme o grau de escolaridade.

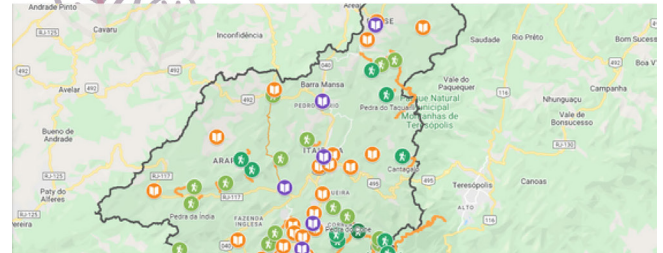
 Ensino fundamental

 Ensino médio

Nossa dica é observar as distâncias entre as escolas e as trilhas, fator que pode facilitar as ações de educação ambiental.



Observação: Caso você seja um professor ou tenha ideia de desenvolver atividades de educação ambiental em Petrópolis, entre em contato conosco.



21

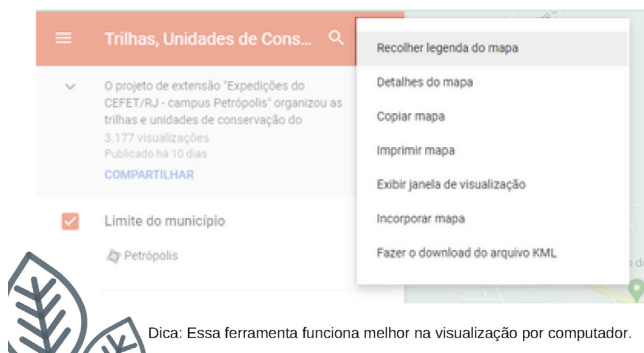
## Impressão



É possível imprimir o mapa, basta clicar nos três pontinhos ao lado do título, como indica a imagem abaixo.



Aparecerá o menu de opções, dentre elas **IMPRIMIR MAPA**, selecione as opções de tamanho e o mapa estará pronto para a impressão. Também é possível fazer o download em KML.



Dica: Essa ferramenta funciona melhor na visualização por computador.

22



Ainda com dúvidas?  
Preparamos também um vídeo tutorial

ACESSE NO NOSSO CANAL DO YOUTUBE:

Expedições do CEFET/RJ Petrópolis  
<https://www.youtube.com/watch?v=AqJaeFilwL4>



Qualquer sugestão basta entrar em contato conosco:

## CONTATOS

@ expedicoescefet@gmail.com

@expedicoescefet

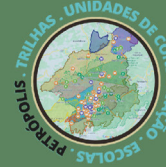
fb.com/expedicoescefet

Expedições do CEFET/RJ Petrópolis

<https://sites.google.com/view/expedicoes-do-cefet/rj/in%C3%ADcio>



Material produzido pelo projeto de extensão  
Expedições do Cefet/RJ



Elaboração: Luana da Silva Pitzer  
Turismóloga pelo Cefet/RJ; Pós-graduada em Desenvolvimento Territorial pela UERJ; Mestranda em Ecoturismo e Conservação pela UNIRIO.

Acesse esse material online:  
<https://sites.google.com/view/expedicoes-do-cefet/rj/mapa-interativo>



Todos os direitos reservados ao Expedições do CEFET/RJ Petrópolis, 2022.

# Olhares Geopoéticos: Ecoturismo e Conservação de Quem Toca (N)A Terra

**Lidiane Santos Barbosa**<sup>1,5</sup>

**Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano**<sup>2,6</sup>

**Luana da Silva Pitzer**<sup>1,7</sup>

**Marcia Carvalho Perez de Carvalho (Mitcay)**<sup>3,8</sup>

**Alexandre Valente Ferreira**<sup>1,9</sup>

**Maycom Lopes Ribeiro**<sup>1,10</sup>

**Leonardo Ramos Cruz**<sup>4,11</sup>

**Jonathas Acácio Ramos Gonçalves**<sup>1,12</sup>

**1** Mestrando em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO); **2** Docente do Programa de Pós-graduação em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO); **3** Discente da Graduação em Museologia (UNIRIO); **4** Mestre em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO); **5** lidi\_mcc@hotmail.com; **6** luiza.ponciano@unirio.br; **7** pitzer.luana@hotmail.com; **8** mitcaysusamkaru@gmail.com; **9** alexandrevalentef@gmail.com; **10** maycomlopes17@gmail.com; **11** caminhodapoesia@gmail.com; **12** jonathas.acacio@yahoo.com.br

## Introdução

Está coletânea geopoética é o encontro e a divulgação das múltiplas criações artísticas de pesquisador(as)es que aceitaram o convite de mergulhar na correnteza contra-hegemônica. Discentes e egressos da Unirio, do Programa de Pós graduação em Ecoturismo e Conservação e da graduação em Museologia, sob a orientação da professora doutora Luiza Ponciano, refletem e registram os elos em formação contínua de pesquisas que se conectam. Nesta integração, ocorre um fortalecimento mútuo mas conserva-se a liberdade de atribuir significados e valores para cada termo, conceito e prática.

A Geopoética, presente nas pesquisas, expande-se a partir da teoria-base formalizada na academia por Kenneth White, que fundamenta a criação de diversas práticas humanas relacionadas com nossa relação com o planeta Terra (White, 1989). A poética refere-se à criação em contato com a Terra, uma “dinâmica fundamental do pensamento humano” (White, 1989), que para além de criar poesias, está na organização visual de seus versos, nas suas justificativas, nas sensações que pretendem despertar e na capacidade de alcançar muitas pessoas e sentimentos íntimos. As práticas e ações educativas que mutuamente inspiram as poesias, ou que proporcionam experiências sensoriais, afetivas e cognitivas, podem ser consideradas práticas geopoéticas (Ponciano, 2017). As criações em linguagem poética são atos políticos e científicos (Brito, 2011; Silva, 2020) não apenas para atender as demandas por práticas educativas mais sensíveis, afetivas e relacionadas aos territórios em pesquisas, mas para reivindicar o reconhecimento de que estas práticas já estão presentes nos territórios, e que só podem ser captadas por quem toca a T(terra). Por quem está presente, mobiliza ações e deseja envolver e sensibilizar quem os acompanha, os múltiplos sujeitos envolvidos.

Ponciano (2017) reconhece a Geopoética como um terreno desses encontros e estímulos recíprocos dos ambientes formais e informais de ensino, de componentes curriculares e disciplinas que costumam estar inicialmente num estado de isolamento, como potência para despertar o interesse no ensino das Geociências e promover a Conservação das Naturezas (Ponciano, 2017). Por isso nos encontramos aqui, nesta coletânea. Evidenciando as conexões entre Rios favelados, Rios Cariocas, Áreas de Proteção Ambiental, Maciços montanhosos e vales, pelo reencantamento dos e com os territórios em pesquisa.

Os encontros presenciais de quem está chegando com quem já estava por ali, junto a quem nunca chegou a se despedir, mesmo já tendo defendido a dissertação, foram nas rochas escaldantes do Parque Estadual Cunhambebe. As criações foram se unindo pelos caminhos nos asfaltos no vale Pedra Branca-Mendanha, antecedido virtualmente por muitas aulas das disciplinas do programa

**Citação:** Barbosa LS, Ponciano LCMO, Pitzer LS, Carvalho MCP, Ferreira AV, Ribeiro ML, Cruz LR & JAR Gonçalves (2023) Olhares Geopoéticos: Ecoturismo e Conservação de Quem Toca (N)A Terra. *Ecoturismo & Conservação* 4(1) p. 34-46.

**Copyright:** © 2023 Barbosa et al.

ou encontros de orientação. Ao nos conhecer, registramos os afetos e construímos caminhos para um processo de pesquisa coletivo. É um mergulhar nas águas das pesquisas, evocando lamentos dos Rios negativamente impactados pela urbanização, recuperando um fôlego ao subir as trilhas da Serra Negra e da Serra dos Órgãos. São tantas possibilidades que emaranhamos e criamos, ainda que com ausências, reunidas nessa coletânea que se apresenta.

Por meio dela deseja-se compartilhar as etapas percorridas no pesquisar de cada envolvido; os resultados observados; as reflexões insurgentes e principalmente transpor a limitação e entendimento dos espaços onde se compreende que há divulgação científica. As criações artísticas, no entanto, provavelmente foram uma forma de extrapolar os sentimentos que a cientificidade pretende objetivar e moldar. Concordando com Mello (2014), “o que há é a relação artista-obra e uma esperança, ou melhor, uma confiança de que ela provoque algo” (Mello, 2014, p. 226). Desta forma, ao mesmo tempo em que há uma surpresa na descoberta de sermos poetas, convida-se mais sujeitos envolvidos com o território em pesquisa para o diálogo, provoca-se o despertar de sensações, deseja-se uma comunicação íntima com a ancestralidade, com os sentimentos aprisionados e com o processo educativo que promova o cuidado com o planeta Terra.

<p>COLETÂNEA ARTÍSTICA</p> <h1 style="font-family: cursive;">Olhares Geopoéticos</h1> <p>ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO DE QUEM TOCA (N)A TERRA</p>	<p><i>Índice</i></p> <p><b>Apresentação</b> 3</p> <p>1. <b>Alexandre Valente</b> 5</p> <p>Renascer 6</p> <p>Poderosa Mãe Natureza 7</p> <p>Ancestralidade 8</p> <p>Mística Natureza 9</p> <p>Sentidos 10</p> <p>2. <b>Leonardo Cruz</b> 12</p> <p>Tudo Aqui é Vivo 13</p> <p>Estanque-ser 14</p> <p>Guarda Dragão Gigante 15</p> <p>Fruir Sustentável 16</p> <p>Atingido Aflito 18</p> <p>3. <b>Lidi Santos</b> 19</p> <p>Rodada 2: Somos Frestas 20</p> <p>Águas Que Brotam 21</p> <p>Prazer, Rio Grande 22</p> <p>Última Rodada 23</p> <p>Rodada Extraordinária: Somos Frestas 24</p>



<i>Índice</i>		<i>Apresentação</i>	
4. Luana Pitzer	25	<p>Geopoética é o elo entre nossas pesquisas. Geo é a terra, o planeta Terra, que queremos conservar mas o território que tocamos, onde desenvolvemos nossas atividades acadêmicas, profissionais e afetivas. Estamos todos envolvidos e interconectados, reconhecemos isso e esta é uma possibilidade de demonstrar a coletividade presente.</p> <p>A poética, sempre vai além da poesia. Esta na inquietação que nós fez criá-las mas na permissão autoconcedida de poder sentir e querer provocar afetos. Convidar para a conversa, para a sensação, para dentro das pesquisas e para dentro dessa Natureza que nos Encanta.</p> <p>Olhares Geopoéticos é o encontro de um pouco de tudo isso, um pouco de cada um de nós.</p>	
Caminhada	26		
Energia	27		
Vôo no Inesperado	28		
5. Maycom Lopes	29		
Sou água que brota da rocha	30		
Ipê Rosa	31		
Sou menino livre	32		
Ecos	33		
Água	34		
6. Mitcay	35		
Processos	36		
Eu Ouço a Sua Voz	37		
Êtase em Gaya	38		
7. Jonathas Gonçalves	39		
	40		
8. Luiza Puri	41		
No alinhamento dos Rios, o que não precisa ser pesado para permanecer	42		



MESTRANDO PPGEC 2022.1 - UNIRIO, ADVOGADO OAB/RJ, MEMBRO DA COMISSÃO DE PROTEÇÃO E DEFESA DOS ANIMAIS OAB/VR, BACHAREL EM DIREITO - UFF, GESTOR E PERITO AMBIENTAL, MEMBRO DO GRUPO DE TRABALHO EM LITIGÂNCIA CLIMÁTICA (PÓS DIREITOS DA NATUREZA - EJUSP)

Alexandre Valente



Direitos da Natureza Serra Negra: Geopoética, conservação e Educação Ecológica na Mantiqueira Mineira

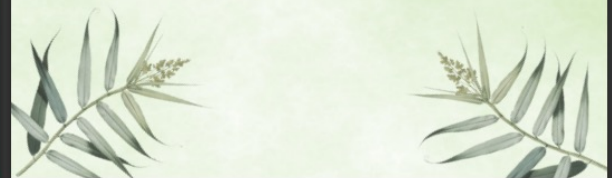
RENASCER

O meu coração chora  
Por lembrar de um tempo que outrora  
Já não posso mais viver

E mesmo diante do pouco verde que brota  
O fogo que queima a relva que sobra  
Tenho o canto alentado que jamais irei esquecer

Fecho os sentidos diante de um vento que corta  
E como uma semente que germina e desbrocha  
Me abro para das cinzas Renascer

Alexandre Valente





PODEROSA MÃE NATUREZA

Em sua companhia sinto conforto  
Sua essência aguça meus sentidos  
Reluz a alma e inflama o corpo  
Faz perceber a complexidade a qual estou inserido

Dos corredores verdejantes das árvores permeiam segredos antigos,  
De tempos em tempos que os pássaros cantam de seus abrigos  
Na conexão com a terra, me envolvo pelo puro ar  
Sinto a força ancestral que está a me guiar

Ao fechar os olhos, tempos de outrora  
Invadem minha mente o que está além da memória  
O sentimento que a brisa me acalenta de várias jornadas...  
É impossível de ser explicado apenas com palavras

Das raízes profundas que sustentam o meu caminhar  
É por você, poderosa mãe Natureza, que me deixo guiar  
Sou apenas mais um diante dessa imensidão  
Mas com respeito e honra que preservo essa conexão

Alexandre Valente

ANCESTRALIDADE

Pelas veias da minha história, pulsa a ancestralidade  
Um legado sagrado...  
Uma tradição de liberdade

O som dos tambores que ressoam,  
Está presente na Natureza...  
Que fortalece e os entoam.

Alexandre Valente

MÍSTICA NATUREZA

Debruçando-me pela terra antiga e profunda  
O eco da ancestralidade se oriunda  
Na Natureza, uma mística sinfonia  
Vinculando o passado ao presente em perfeita sintonia

Sob o manto das árvores sussurrantes  
Pelo rastro dos rituais, segredos errantes  
Caminho na trilha dos meus ancestrais  
E pelo ar, seus ensinamentos nos revelam contos imortais

As águas correm como veias de um mundo esquecido,  
Em um fluxo permanente rumo ao desconhecido  
Segredos movidos pelo vento constante  
Mistérios da Natureza, em cada canto, mesmo que distante

As estrelas no céu como olhos antigos a brilhar  
Na escuridão do universo, enigmas a desvendar  
Testemunhas silenciosas de jornadas passadas  
E a Lua, guardiã das histórias entrelaçadas

Sou elo nessa corrente que perdura,  
Mística e ancestralidade numa relação profunda  
Descendente do desconhecido, histórias que ecoam  
Adentro das copas verdejantes, encontramos as raízes que soam

Em cada folha, em cada raio de sol a brilhar,  
Na canção dos pássaros ao amanhecer,  
A Mística da Natureza me faz entender,  
Que sou parte da história que jamais irá acabar.

Alexandre Valente

SENTIDOS

Na dança suave das sensações em flor  
A Natureza e seus encantos sem fim  
Com vasta biodiversidade, um mundo de cor  
Onde os sentidos mergulham enfim

Visão, primeira jóia desse momento  
Com o verde exuberante se estendendo no olhar  
Montanhas majestosas com seus movimentos  
E cachoeiras límpidas que vêm nos refrescar

O tato, gentil mensageiro do contato,  
Sob a sombra das árvores nos acaricia,  
A brisa que afaga, num toque exato,  
E a folhagem macia no corpo se anuncia.

Os sons da mata, harmonia sagrada  
O canto dos pássaros, serenata do céu  
A água que corre, canção apaixonada  
Uma melodia da vida, em cascata como um véu

Aromas sutis permeiam no ar sereno  
O olfato ascende para o perfume das flores  
Das sementes às pétalas, um sonho ameno  
No ambiente, cada fragrância se confunde com sabores

E o paladar, outro sentido a destacar  
Na fruta madura, na água cristalina,  
No orvalho que adoça a manhã a sonhar,  
Palatos da terra, a vida se origina.


A Natureza se exhibe como uma arte sem nome  
Despertando os sentidos com seu esplendor

Como a aurora que ilumina, colorindo o horizonte  
Ressoando nas paisagens com imenso fulgor

Na opulência desse mundo Natural, continuamos a caminhar  
Para no balanço eterno da existência, a cinestesia se erguer  
Cada sentido humano tem um caráter singular  
E com a presença do sexto, seguimos a crescer.

Alexandre Valente

NASCIDO E VIVENTE NO VALE PEDRA BRANCA - MENDANHA. PROFESSOR PELAS CRIANÇAS DO VALE, HOJE NO COLÉGIO PEDRO II - REALENGO. PEDAGOGO, EDUCADOR AMBIENTAL, MESTRE EM ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO (PPGEC UNIRIO), GEOPOETIZANDO O VIVER NA/COM A NATUREZA NAS MONTANHAS, MATAS, VIDAS E ÁGUAS.



Leonardo Cruz

AS MONTANHAS FALARAM ALTO, EU, DA ESCOLA RESPONDI:  
*Uma Escrevivência Geopoética para a Conservação da Natureza*

Tudo aqui é vivo

Antes o existir comprometido  
Ante resistir sobrevivido.  
É da nossa natureza poder contar  
Que tudo em volta é a nossa Natureza.  
Basta um pouquinho de amor de Índio  
E vemos que tudo que move é sagrado.  
O plantio é alfa a colheita é ômega  
No meio, tau recheio de paciência.  
Eu não tô falando grego  
É preciso falar sobre isso!  
O tal que abate o cultivo  
talk about planting.  
Se o povo é original  
É periférico e marginal.  
Quando cria e inventa cultura  
É perigosa, criminal.

Que orgulho produzir do meu Quintal  
Daqui, onde tudo aqui é vivo!

Leonardo Cruz

Estanque-ser

Ser.  
Ser um corpo.  
Ser um corpo no território.  
Ser um corpo vivo no território vivo.  
Ser um corpo-território vivo no território vivo.  
Ser um corpo-território vivo em conflito com o território vivo.  
Ser um corpo-território vivo em conflito com o território vivo em conflito.  
Ser um corpo-território vivo em conflito.  
Ser um corpo vivo em conflito.  
Ser um vivo conflito.  
Ser vivo.  
Ser.

Leonardo Cruz

<p>Guarda Dragão Gigante</p> <p>Um Dragão Gigante que produz fogo nas suas entranhas e dispara as labaredas pelas ventas. O cuspidor de chamas predadoras que consomem troncos, palhas, corpos vertebrados. É só fogo. É só fuga!</p> <p>São três os elementos e dispara a ignição. Enquanto alarma, em campo espalha. A língua-brasa, hectares já lambeu... Num estrondo, queimas! Queimas, queimas... E quem mais diria? Quem o guarda que o proteja!</p> <p>São os três na luta combativa sintonia em mística harmonia. Três camadas dimensões trabalhando num mesmo plano. O Guarda, o Parque e o Cunhambebe. Que todo dia, protegendo o Dragão do fogo, guarda um Dragão por dia.</p> <p>Leonardo Cruz</p>	<p>Fruir Sustentável</p> <p>Há ao nosso redor Mais vida desconhecida Do que já revelada. É nesse mistério Que o planeta se guarda.</p> <p>Vidas terrenas importam Mineral, vegetal, animal. Em escala global se calcula De razão 1 para todo o resto instinto E tendo os de instinto como resto, Resta a esse 1, por destino ser extinto.</p> <p>Quem salva a Terra? A Terra mesma! Que acende e apaga a vela? A Terra mesmo.</p> <p>Inteligente é o nosso ninho Inteligência é o nosso fio E a gente... Ah... A gente é apenas parte desse trio.</p> <p>Povos digitais: emergem dos Tradicionais! A sabedoria de aprender A humildade de fazer Predação acumulenta</p>
---	---

<p>Dar lugar à Fruição que se sustenta.</p> <p>Leonardo Cruz</p>	<p>Inspiração: Marília Puri Transcrição: Léo</p> <p>10abr23</p> <p>Atingido aflito</p> <p>Vinde atingido voz aflita, só grita. Só grita, pois de fraca, só resta o sopro. Fôlego... Vós aflitos já atingidos de barro. Povo barrado na hora da conta... Povo barrado na porta da lava... Povo, barragem: desastre latente. Como dormem? Nunca dormem! Só o dono come e dorme.</p> <p>Voz aflita, falha e grita. Arranha rouca, "pigarretita". Voz do povo que é nascido desse chão. Povo esse que pertence a esse chão. Esse povo misturado nesse chão, Foi levado em aluvião...</p> <p>Chora Rio, chora mata, bicharada. Nesse dia o silêncio em coro brada. Retumbante perturbara. Um levante despertara. Essas vozes, esse coro: Incomoda a burguesia; desconforta a Academia; Enche a Ancestralidade de esperança e alegria. Quem por nós fará justiça? Quem batalha o quinhão da vila?</p> <p>O Povo de Aluvião agora é sangue na Rocha, no Rio e no Chão. Olha aqui, Seu garimpo! Esse ferro é do meu sangue! Ninguém tira! Com ele eu vivo. E a sirene apita... Por ele eu morro, de corpo, alma e hematita.</p>
--	---



ÁGUA EM MOVIMENTO DA CDD, COORDENADORA DO ALFAZENDO/CDD, MÃE DO ARTHUR, PROFESSORA DE BIOLOGIA-UFRJ, INTEGRANTE DO GESF (GEOTALES/UNIRIO). PESQUISADORA COMUNITÁRIA DO CONSTRUINDO JUNTOS/ CDD. DISCENTE PPGEC , 2022.1

# Lidi Santos

Escrevivendo a Conservação das Naturezas da (na) Cidade de Deus: a Geopoética das Águas em movimento



## Rodada 2: Somos Frestas

Fresta são pessoas sem um caminho padrão porque não os encontrou mesmo após tatear, cheirar, ouvir e lamber. Não enxergaram também porque o caminho não está ali pra todo mundo mesmo. Mas a fresta esta.

A caixa feita de maneira mais perfeita possível tem frestas.  
E isso é fácil de sentir:  
A luz atravessa.  
O som atravessa.  
A água atravessa.  
O vento atravessa.  
E de repente a caixa já tá cheia de Natureza.  
Aí a fresta passa a ser troca.  
Troca Arthur por Lis.  
Troca José por Francisco.  
Se são saberes atravessam e trocam.  
E aprendemos sobre Quintais  
E aprendemos sobre Turismo  
E falamos de Magé, de Nit, de Minas e chegamos à Bahia.

Porque a fresta é pra atravessar  
trocar  
aprender  
e chegar  
Mas é tudo com muito respeito  
Cumprimentando os que já passaram por aqui.  
Vocês nos dão licença pra seguir?!

(Lidi Santos, 25 de março de 2021)

## Águas que Brotam

Água não se aquieta.  
Se o calor da Terra a envolve  
Ela brota Nascente.  
Transforma-se na altitude,  
Era Cachoeira hoje e amanhã 'tá correndo Rio.

Se tá num copo faz Tempestade.

Ela gira, forte, torrencial.  
Não se reconhece  
nem ao ensolarado dia que a antecede.

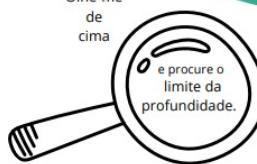
Se era uma previsão desacreditada  
faz anunciação pelos ventos  
Apresenta-se tão certa  
Quanto a criança na virada da lua cheia

(Lidi Santos, 29 de abril 2022)

## Prazer, Rio Grande

Percorra as minhas margens supondo que me conhece.

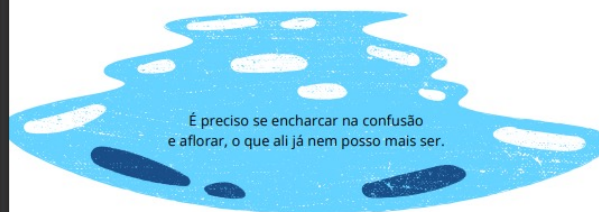
Olhe-me de cima



e procure o limite da profundidade.

Ignore os sentimentos assoreados.

Vai ter um abismo de lembranças ocultas  
E uma intensidade superficialmente exposta.  
Não basta me atravessar pra saber quem sou.



É preciso se encharcar na confusão e aflorar, o que ali já nem posso mais ser.

(Lidi Santos, 29 de abril de 2022)



**Última Rodada**

Eu não sou mais eu  
 a minha história não é mais minha  
 a minha pele é abrigo temporário de energia  
 e essa energia se movimenta assim  
 através da língua que dança cantando poema  
 através do tímpano que vibra ouvindo tambor  
 e dos braços que estão ansiosos  
 por enrolar-se em corpos que fazem o coração acelerar.  
 e acelerou  
 mesmo do outro lado da tela  
 mesmo em algum outro ponto do mundo  
 eu agora não sou mais eu  
 eu estou  
 estou Alfazendo,  
 estou Fresta  
 estou Construindo Juntos,  
 estou Favela Sustentável  
 E hoje começa mais um "era uma vez..."  
 de uma narrativa coletiva  
 onde cada um de nós é protagonista

(Lidi Santos, 28 de agosto de 2021)

**Rodada Extraordinária: Somos Fresta**

Não são rupturas  
 São frestas.  
 Uma distância proposital  
 Para a expansão do concreto.  
 o fluir com liberdade.  
 A cicatriz do acolhimento  
 Dos ventres preenchidos.  
 Dilatações da felicidade.  
 Ruínas por onde ecoam silêncios conviventes.  
 Conviventes de memórias gloriosas.  
 De edificações vislumbrosas  
 caminhos passados  
 Passarelas afetuosas  
 Passos permanentes  
 Sob mãos calejadas  
 Que ainda tateiam  
 E acalentam.  
 Que escutam choros e dão boas-vindas às Marias.  
 Num sopro descobrem sorrisos fossilizados  
 E as Naturezas ainda estão e se fazem presentes.  
 Licença, estamos seguindo.

(Lidi Santos, 10 de julho de 2023)

Petropolitana nata, defende suas montanhas.  
 Menstranda em Ecoturismo e Conservação (UNIRIO),  
 Pós-graduada em Desenvolvimento Territorial  
 (UERJ), Graduada em Turismo (CEFET/RJ). Parceira  
 do Expedições do CEFET/RJ, tem na Serra dos Órgãos  
 seu coração.



*Luana Pitzer*

Trilha virtual e Afetividade: A Natureza turística  
 na trilha de longo curso do Parque Nacional da  
 Serra dos Órgãos

*Caminhada*

enraizamos  
 subimos sentimos  
 coletivamente a montanha  
 o caminho floresce de sentimentos  
 a solidão não nos habita nas pegadas deixadas  
 num deslize, nos oferecem a mão na terra, na rocha e em nós  
 no olhar para fora, o medo se revela o caminho traz a vida, à tona  
 Debaxo tudo parece distante, íngreme demais a pesquisa flui, nas curvas das trilhas



Um fio traz luz às moradias  
Torres erguidas, altas nas montanhas  
Onde o desconhecido habita  
Onde os raios descarregam a energia  
Onde debaixo ficam minúsculas  
Onde são encontradas quando dão problema

ou

Quando trilham a Cobiçado - Ventania  
A Mata Atlântica floresce em morada  
O metal se mescla com o verde  
E a separação  
Da Cidade e a Natureza  
Se rompe  
Tudo vira um só

A subida é intensa  
A energia se dissipa  
O oxigênio é aspirado  
E o pensamento vai pra o  
Desfibrilador  
Que uma corrente possa reativar o ser

A exaustão alivia em cada cume  
Ao alcançar o topo daquelas rochas  
É a pausa para sentir a corrente  
De vento que vai ativar a potência da Contemplação  
Tudo vira deslumbramento!

Oh Cobiçado, até o Alto Ventania  
Nomes que suspiram o passado  
Traçando trilhas nos Vândalos, Diabo e Tridente  
Ondulando pelo domínio serrano afiado  
Desenhando a fronteira de Petrópolis

O granito vira banco  
O vento vira frescor  
O solo vira imensidão  
O humano vira o que é, Natureza.

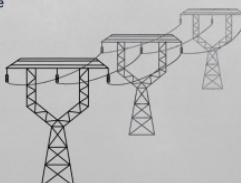
Vão na inesperada

Muitas vezes me questioneei sobre o que é o Ecoturismo.  
É uma jornada na "natureza pristina"?  
Precisa ser guiada?  
Ou acontecer longe de casa?  
Deve haver pernoite para ser autêntico?  
Essas indagações sempre brotaram em minha mente,  
E acredito que não cessarão de surgir.  
No entanto, a vida também traz respostas  
E ao visitar o Parque Cunhambebe,  
Senti-me envolto pela contemplação das respostas.

Era o retorno à nossa Terra,  
Não que eu não me sentisse parte dela,  
Mas nada se compara à imersão  
Nas águas geladas do Poço das Borboletas.  
Os sentidos despertam e redescobrem  
Quanto a natureza está conosco.  
Nessa experiência, ficou evidente  
Que o "Eco" do Ecoturismo  
É a sensação de pertencer à natureza,  
É adentrar nossa morada com respeito,  
É sentir o quanto aquele espaço possui e gera histórias.

Ouvi os elementos naturais  
Pelos olhos do Guarda Parque Observador,  
Que abria trilhas e deixava um rastro de amor  
Por aquele território, para todos que o seguiam.  
A cada passo no solo, uma conexão de afeto  
Entre seu coração e a natureza de Cunhambebe.  
Quem pisava após sentia-se unido a essa ligação,  
E corria o risco de também se conectar.  
Eu não fugi, o Jequitibá em toda sua magnitude  
Afetou-me profundamente.  
O deslizar das rochas no fundo do Poço,  
O bailar das borboletas,  
O equilíbrio nas subidas e descidas,  
As conversas, fossem no Parque, no almoço ou no carro.  
Que mais encontros emocionantes venham,  
Pois pouco importa se pratiquei o Ecoturismo;  
O que importa é que foi uma experiência maravilhosa!

Energia





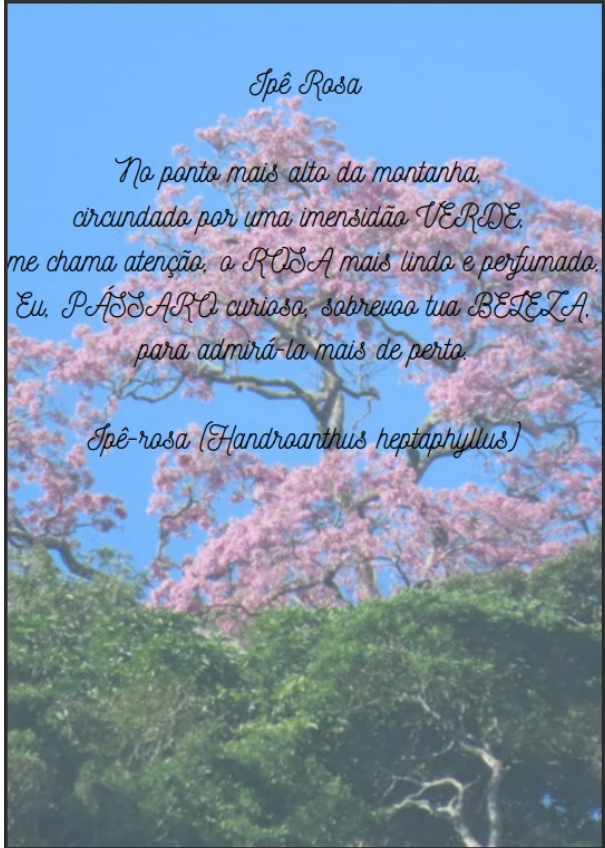
SOU GUARDA PARQUES DA SEGUNDA MAIOR UNIDADE DE CONSERVAÇÃO (UC) DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (RJ), NESTA UC PARQUE ESTADUAL CUNHAMBEBE (PEC), ME RECONHEÇO COMO UMA VOZ QUE VEM DESSA FLORESTA E TODOS OS SERES QUE LÁ HABITAM, POR ESSA VOZ PRODUZO AS PALAVRAS POÉTICAS CONTANDO ESSA RELAÇÃO AFETUOSA COM A NATUREZA.

Maycom Lopes

GEOPÓETICA E BIONAS NA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA: UMA PESQUISA-AÇÃO NO PARQUE ESTADUAL CUNHAMBEBE

**Sou água que brota da rocha**

Sou água que brota da rocha, do mais profundo dessa rocha procuro uma fenda ao encontro da luz, quando encontro a luz desagua por um caminho nunca visto. O medo não me impede de continuar o caminho, nunca estou parada no mesmo lugar, pois o movimento e a minha maior força, força essa que ofereço gratuitamente por onde passo, as árvores lançam suas raízes ao meu encontro, o meu canto produz, paz, harmonia e cura. Por dentro da floresta me movo quase sempre como uma serpente, os animais quase invisíveis aos olhos humanos, confiam em mim, matam sua sede e me usam como espelho. Por fim me lanço para fora da floresta ao encontro da areia branca, sol quente e água salgada e me torno MAR.

 <p><i>Ipê Rosa</i></p> <p><i>No ponto mais alto da montanha, circundado por uma imensidão VERDE, me chama atenção, a ROSA mais linda e perfumado. Eu, PASSARO curiosa, sobrevoa tua BELEZA, para admirá-la mais de perto.</i></p> <p><i>Ipê-rosa (Handroanthus heptaphyllus)</i></p>	<p>Sou menino livre</p> <p>Sou menino livre que caminha pela floresta, a cada passo tento ser menos eu e mais floresta, o ar puro que vem ao meu encontro é reflexo da mais pura harmonia que possa existir, não que eu não queira ser eu mesmo, mas quando me vejo no meio de tanto verde, me encontro.</p>
---	--

<p>Ecos</p> <p>Os ECOS que as montanhas emitem, meus ouvidos traduzem com ALEGRIA, EU Guarda Parques perguntei ALTO, por que tanta alegria, imensa MONTANHA?</p> <p>E como um SOPRO, veio o vento passando pelo VALE com a resposta.</p> <p>Chegou o dia que todos vão ouvir a minha VOZ como uma BRISA, LEVE e SUAVE.</p>	<p>Água</p> <p>Me chamo água sigo um caminho chamado RIO.</p> <p>Quando mudam meu caminho Esvazio.</p> <p>Mas quando encontro outro caminho igual ao meu, Deságua com toda força.</p>
--	---





**GRADUANDA EM MUSEOLOGIA - UNIRIO, INTEGRANTE DO GRUPO DE ESTUDOS SABERES DE FRESTA (GESF), BOLSISTA PROEXC NO @GEOTALES COM O PROJETO GEOMITOLOGIA DA AMÉRICA DO SUL: AS ROCHAS CONTAM NOSSA HISTÓRIA.**

**Mitcay**

*Rastros sob a terra: enlaces entre as Geociências e a Museologia*

*... São as processos da Natureza! A água que refresca e o vento que sussurra a som da rio e da mata, enquanto se sente a cheira da Floresta processos das águas e da terra, a inseta, o musgo, a dranha de mim mesma.*

**Processos**

**Mitcay**

**EU OUÇO A SUA VOZ!**

Sujo, podre, fétido!  
Morto, te xingam as vozes de desprezo.  
Valão te cospem os detritos Humanos.  
Plásticos urbanos se acumulam ao longo de seu leito, enfeites do descaso social.  
Do poder a desamparar sua doce voz.  
Marginalizado, sufocado nos dutos, sobre os quais se erguem os concretos.  
Seus ais me tocam quando ouço seus lamentos.  
Suas súplicas às mãos dos Homens do Poder e os campeiros da cidade...  
Tristeza pungente que invadem almas antepassadas a correr pelas veias descendentes,  
A correr pelos veios da Terra que ouvem sua voz,  
Que assim como eu, como aqui, contam seu pranto de dor.

(Mitcay)

**Êxtase em Gaya**

Pôr do sol, contemplação vespertina do firmamento  
No acalanto do Vento sobre meu rosto,  
No ar, a presença de Petrichor,  
Aroma úmido dos veios de Gaya a percorrer seu pético corpo  
Por onde brota a delicada Flor, desprentiosamente, junto às rochas no caminho  
Composição harmônica da vegetação em entrelace com a terra  
Folhas em decomposição dispersas no solo,  
Sintonia de um ciclo assistido pelos raios solares que se apresentam por entre o dossel,  
Escadaria de pedras, melancolicamente organizadas  
Descanso em seus degraus, embevecida pela paisagem.  
Após longa caminhada, límpidas águas arrefecem o calor da jornada.  
Então, na loucura do êxtase afetivo, procuro aconchego no Corpo-Terra,  
E, por um momento, me sinto tal qual as árvores enraizadas ao solo.

(Mitcay)

UM PURI EM BUSCA DE SEU LUGAR, ATIRA SUA FLECHA AO VENTO, SEM NADA ALMEJAR. QUANDO PERCEBE QUE O VENTO LHE SOPROU UMA CANÇÃO! DECIDIU ENTREGAR AO GRANDE GUIA A SUA CANÇÃO. AGORA ELE LUTA PARA DEFENDER, AQUILO QUE LHE FAZ SENTIDO E O QUE O MOTIVA A VIVER



Jonathas  
Gonçalves

Vivências na APA Alto Pirai

*Em busca da flecha que lancei  
Vou de encontro a um novo mundo  
Vários lugares já truíhei  
Algumas lutas travei  
Dores eu senti  
O Corpa foi ferido*

*Não foi só meu corpa que sentiu  
Meu lugar também mudou  
Agora neste novo mundo  
Minha flecha ainda não achei  
Mas a caminhada esta só no começo  
Mais uma certeza eu tenho  
Da minha essência eu jamais esqueça*

PROFESSORA E PESQUISADORA NA UNIRIO, ARTISTA E COORDENADORA LABTAPHO E DO GRUPO @GEOTALES, BIÓLOGA E PALEONTÓLOGA.

Luiza Puri



No alinhamento dos Rios, o que não precisa ser pesado para permanecer (Luiza Puri Corral)

Eu encontro novos caminhos, ou eles que passam por mim até que eu consiga perceber que algum se alinhava comigo? Quando a corrente fluiu livre, o que ela dissolveu junto Rio abaixo o Rio? O que tem mais me sustentado é justamente o que não se vê. No corredor de ventos, flutuam azuis asas, que se unem para tilintar chamados (pró)criativos em companhias espiraladas de encontros. No meio, quase não se percebe mais as pontas. Qualquer limo te leva para a queda, entre nascente e foz, muitos desvios me perdem. Fora das caixas, me acomodo como posso, no meio do vazio. O que minha menina quer é ver Onças e Sapucaias. Bubuiar nas águas, ver a coroa de mamãe nas nuvens. Distraída, num silêncio em meio a vozes, de repente sinto que dois caminhos acabaram de se encaixar em mim. Eles que me chegaram, eu só precisei fechar os olhos e receber. Mas e agora, o que eu quero? Ainda posso me permitir querer mais?

Onde mora o equilíbrio? Nas pontas do tridente ou na balança de dois pesos duas medidas? Para onde pende, para a pena ou para o coração? Rio ou Montanha? Mas se o Rio nasce na Montanha, a junção não é o próprio eixo? Quando os pratos caem, o que sobra? O que não precisa ser pesado para permanecer. Elos de antigas relações se biotizam para logo após alcançarem o ápice da decomposição. Na escuridão, quando a água deixa de ser Água? Qual o nível de acúmulo de rejei(tos)ções faz com que ela mude de estado? Invisível, está mais presente do que quando vista, rasteja nas frestas mais profundas. Segue a sina das suas semelhantes aquosas, do jeito que for, chega ao Mar. No encontro com as salgadas, qual parte das doces ressurge do que lhe foi jogado? Decantadas as sombras do que lhes chamaram, respira, e após as arrebentações volta a existir. Não tem como não estar sendo vista, mas agora já é grande demais, não cabe mais nos olhos de quem nunca lhe escutou. Mesmo cimentadas. Petrificadas. Asfaltadas. Engrossadas por tanto receber o que não lhes pertence. Mesmo assim, continuam a brotar em tudo que encontram pelo caminho, até serem ninhos de robalos. Quando se escolhe escorregar, o limo vira seu aliado. Ou assim você o percebe, pois ele em si só continuou a ser. A entrega separa o se quebrar no encontro desesperado com as pedras ou se reencontrar num escorregar suave e leve, escolhendo quais partes podem entrar em contato com as durezas. Estou protegendo apenas o que preciso? Nesta escolha mora a metamorfose do fazer nada em Ser o que quero alcançar, corporificando sustentações que me chamam a retirar-me do que já fui.

Agora, no meio, a ida ao poço. Por mais que este seja uma morada das asas, ele espelha um fundo de quedas, ainda à distância. O silêncio que você procura pode estar embaixo daquela pedra, a que ainda não foi pisada. Pelos poros permeados de vazios, chegamos onde tentaram nos afastar. Para conhecer o interior, se faz necessário entrar? Pelos vãos dos portões, o oculto me motiva a caminhar. Mistério mantido, mesmo que sempre aberto.

## Referências Bibliográficas

- BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. Poemas malungos – Cânticos irmãos. 2011. 172 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2011.
- MELLO, C. C. A. Devir Afro-indígena: “então vamos fazer o que a gente é”. Cadernos de Campos, São Paulo, n. 23, p. 1- 381, 2014.
- PONCIANO, Luiza C. M. O.; et al. Geopoética: A Divulgação das Geociências Pelo Reencantamento do e com o mundo In: In: IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso- Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação, 2017, Ponta Grossa. Anais do IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso- Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação, 2017, p.21-25. SANTANA, A. M. 2015. Memória e narrativa na voz de contadoras itinerantes e griots. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Letras. 139 p.
- SILVA, R. M. Racismo e educação nas culturas populares. COLETIVA. Dossiê 28. Racismo. Mai. Jun. Jul. Ago. 2020. Disponível em: <https://www.coletiva.org/dossie-racismo-n28-artigo-racismo-e-educacao-nas-culturas-populares>. Acesso em: 26/07/2022.
- WHITE, K. O grande campo da geopoética. [S. l.], [19-?]. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica> . Acesso em: 27 out.2021.